



## As designações para o pão nosso de cada dia: a norma lexical do português brasileiro com base no *corpus* do Projeto ALiB

### *Designations for the daily bread: the lexical norm from Brazilian Portuguese based on ALiB Project corpus*

Vanessa Yida

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná / Brasil

vanessayida@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-8738-7401>

**Resumo:** Este artigo tem como proposta a identificação de possíveis normas lexicais gerais e regionais a partir da descrição e da análise da variação espacial para o popularmente denominado “pão francês”, em uma perspectiva geolinguística e léxico-semântica. Para tanto, adota-se a visão da norma linguística, com base em Coseriu (1979), somada às contribuições de Camara Junior (1964), Rona (1969), Cunha (1987), dentre outros. A diversidade de nomeações para esse alimento foi documentada por meio da questão 186 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) dos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) aplicada pelas equipes que compõem o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 250 localidades brasileiras (interior e capitais). Na composição do *corpus* desta análise, foram selecionados 1000 informantes com o perfil fundamental de escolaridade, contemplando as dimensões diassexual e diageracional. Com base na cartografia linguística e cotejo da disseminação das variantes lexicais obtidas e na consulta a obras lexicográficas, foram identificadas as formas de uso geral e regional, além de traços de influência interétnica e de fluxos migratórios internos e externos. Ainda, constatou-se a polimorfia de designações, por efeito da presença do referente no cotidiano brasileiro, atestando a relevância desse alimento, consumido desde os primórdios da história da civilização.

**Palavras-chave:** Geolinguística; Projeto ALiB; normas lexicais; regionalismos; pão francês.

**Abstract:** this article aims to identify possible general and regional lexical norms from the description and analyse of spatial variation to the popularly denominated “french bread”, on a geolinguistic and lexical and semantic perspective. For that, the adoption of the view of linguistic norm, based on Coseriu (1979), added to Camara Junior (1964), Rona (1969), Cunha (1987) contributions, among others. The diversity of nomination for this food has been documented through 186 question from Semantic-Lexical Questionnaire (SLQ) of *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) applied by crews that compose the Project Linguistic Atlas of Brazil (ALiB), on 250 Brazilian localities (countryside and capitals). On this analysis, they were selected 1000 informants with Primary education, diassexual and diageracional dimensions. Based on linguistic cartography and comparison of lexicals variants dissemination and the consultation to varied dictionaries, they were identified general and regional forms, in addition to interethnic influences and migratory movements traces. Furthermore, the observation of the polymorphy of designations, result of presence of the referring in Brazilian daily, certifying the relevance of this aliment, consumed since the beginning of the history of civilization.

**Keywords:** Geolinguistics; ALiB Project; lexical norms; regionalisms; French bread.

Recebido em 06 de agosto de 2020

Aceito em 05 de outubro de 2020

## 1 Introdução

Desde a fixação do objetivo da elaboração de um atlas linguístico do Brasil pela Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, em 1952, a Geolinguística no Brasil tem se desenvolvido como um infante rumo à maturidade: inicialmente, desenvolvendo-se a partir das valiosas contribuições de estudos de natureza dialetológica, levados a cabo por Amaral (1982), Silva Neto (1957), Nascentes (1958), dentre outros; crescendo e amadurecendo com a publicação dos atlas linguísticos estaduais e regionais, a partir da primeira iniciativa com o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI; FERREIRA; ISENSEE, 1963), e rendendo numerosos frutos após a criação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB) e da publicação de seus primeiros volumes (CARDOSO *et al.*, 2014a; CARDOSO *et al.*, 2014b).

Nessa fase mais amadurecida e frutuosa dos estudos de cunho geolinguístico, a finalização da coleta de dados pelas equipes do Projeto

ALiB fomentou análises dos fenômenos linguísticos, em variadas perspectivas: fonética, lexical e morfossintática. Dentre esses diferentes prismas, especificamente, as categorias léxicas se caracterizam por expressar o mundo, a cosmovisão e a realidade social de um povo (BIDERMAN, 1978).

O nível lexical, por ser mais aberto, reflete as mudanças linguísticas e as particularidades coletivas, tais como as transformações sociais e culturais. Tais mudanças incidem nos usos linguísticos que, especialmente no âmbito do léxico, podem identificar uma comunidade linguística. Esse repertório vocabular característico partilhado por um grupo de falantes que convivem em um determinado espaço geográfico integra-se sob a égide de uma norma linguística. Essas formas linguísticas que caracterizam uma comunidade ainda revelam aspectos sociais, culturais e identitários da formação humana e as modificações impressas pelos contatos com outros grupos linguísticos. As mudanças operam por influência de condicionantes linguísticos e extralinguísticos, sendo preponderantes entre os últimos, a atuação de movimentos populacionais, contatos interétnicos e fatores geográficos e econômicos. Nesse quadro, a Geolinguística contribui fornecendo um retrato da riqueza linguística e de suas nuances traduzidas e desveladas por intermédio da nomeação da realidade.

Tendo em vista esse cenário e o papel do ALiB ao traçar um panorama dos usos linguísticos, o *corpus* desta análise é constituído por uma amostra de dados do Projeto; mais especificamente, o presente artigo constitui um excerto adaptado e ampliado de uma das análises desenvolvidas pela autora em sua Tese (YIDA, 2019). A diversidade de denominações para o “pão feito à base de farinha de trigo, sal e água” foi obtida por meio da aplicação, pelas equipes do ALiB, da questão 186 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) dos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), nos 250 pontos de inquérito. No *corpus* total, consoante os parâmetros teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional<sup>1</sup> (THUN, 2000), o ALiB conta com 1100 informantes: em cada uma das 25 capitais foram entrevistados oito informantes, contemplando as dimensões diasssexual (masculino e

---

<sup>1</sup> A Geolinguística Pluridimensional é uma vertente da Geolinguística que busca retratar, além da dimensão diatópica, as perspectivas diastrática, diageracional, diasssexual, diarreferencial e a diafásica. Assim, além da visão monodimensional (espacial), passa a ser pluridimensional (ao considerar o espaço somado a outras dimensões da variação).

feminino), diageracional (faixa etária I – 18 a 35 anos e faixa II – 50 a 65) e diastrática (escolaridade – nível fundamental e ensino superior), e em cada uma das 225 localidades do interior, quatro informantes, com o mesmo perfil quanto ao sexo e faixa etária, mas considerando apenas o nível fundamental de escolaridade. Neste estudo, foi realizado um recorte, a fim de padronizar o perfil de informantes: foram desconsiderados os 100 informantes com nível superior nas capitais, e nos pontos situados no interior e nas capitais, foram selecionados os 1000 informantes com perfil fundamental de escolaridade, atendo-se à variação diassexual e diageracional, além da dimensão diatópica.

Isso posto, na primeira seção, foram expostos os conceitos de normas gerais e regionais e sua relação com a Geolinguística. Na segunda seção, foram traçadas a história e a simbologia do trigo e do pão em cenário mundial, afunilando à realidade brasileira para, finalmente, na terceira seção, apresentar-se a metodologia e as análises da distribuição quantitativa, espacial e léxico-semântica das diferentes designações coletadas para o também nomeado *pão francês*, finalizando com as considerações finais.

## **2 A norma lexical e os regionalismos: contribuições da Geolinguística**

A noção de “norma linguística”, em interpretação mais ampla, apresenta dois sentidos gerais, sendo compreendida como: (i) norma normativa,<sup>2</sup> padronizadora, regida pelos modelos prescritivos de língua herdados da tradição greco-latina, e (ii) norma normal, relacionada aos usos linguísticos habitualmente registrados pelas comunidades de fala e que as identificam. Neste texto, adotou-se essa segunda visão.

O conceito de norma, em conformidade aos estudos linguísticos, foi inaugurado por Hjelmslev (1942), sob orientação estruturalista. Ao enveredar nessa perspectiva, Coseriu (1979) revisitou a clássica dicotomia saussureana em *langue/parole*, língua/fala, somando a ela a concepção de norma. Assim, o estudioso romeno definiu a fala como os atos linguísticos individuais concretos registrados pelos falantes; o sistema é um conjunto de oposições funcionais, abrange a estrutura da língua, garantindo a intercomunicação, e a norma é composta por

---

<sup>2</sup> Denominações empregadas pelo lexicógrafo francês Rey (1972) como “normal” e “normatif”.

uma realização coletiva do sistema, uma abstração do que já foi dito e tradicionalmente se diz em uma comunidade, ou seja, pelos seus aspectos linguísticos gerais característicos.

Sob esse prisma, a norma é atrelada aos usos linguísticos que integram o indivíduo dentro de um grupo; a sua continuidade, no que toca ao léxico, é resguardada por meio da transmissão de denominações como herança entre as gerações, preservando a identidade coletiva. Ademais, esses registros documentam a maneira como determinada comunidade linguística traduz, nas suas formas de expressão, o seu ambiente físico-social e a sua cultura.

Ainda, tais usos que caracterizam uma norma podem ser categorizados consoante o conjunto de traços linguísticos: fonético-fonológico, léxico-semântico, morfossintático e discursivo (FARACO; ZILLES, 2017). Como explica Coseriu (1979, p. 58), “a norma é variável, dependendo da natureza e limites da comunidade proposta”; assim, em uma mesma comunidade podem ser registradas várias normas, desde as populares, familiares, regionais, dentre outras. Em uma concepção mais ampla, no que tange aos traços léxicos-semânticos, podem ser identificadas as normas lexicais gerais, de uso mais geral em uma nação, e as normas regionais e os regionalismos (formas linguísticas regionais), restritos a uma ou mais regiões.

Para a descrição dos regionalismos, conforme Isquierdo (2006), é preciso considerar a noção de normas regionais e populares, a variação lexical na dimensão diatópica. A esse respeito, é ilustrativa a posição da autora de que, nesse viés, no português do Brasil, a norma pode ser compreendida no sentido amplo e restrito, conduzindo à dupla noção de norma exposta por Biderman (2001, p. 20), expressões empregadas neste estudo: “norma geral – a da sociedade global ou da nação – e as normas parciais, regionais, ou as normas dos grupos minoritários dentro da comunidade”. Na continuidade, a pesquisadora sinaliza critérios para a definição dos regionalismos e, dentre eles, em um primeiro momento, destaca a relevância da delimitação de normas lexicais gerais e regionais para estabelecer comparações, pois importa definir o ponto de referência para definir uma nomeação como regional.

Anterior a esse raciocínio, ao perscrutar esses fatos linguísticos, D’Albuquerque (1945?) emprega a denominação *brasileirismo*, categorizando as formas de uso geral e as regionais (*gauchismos*, *baianismos* etc.). Nessa vereda, Camara Junior (1964) nomeia os fatos

linguísticos peculiares do português brasileiro como brasileirismos gerais (estendem-se por todo o território nacional) e regionais (privativo de uma região). Neste estudo, adotou-se as denominações norma lexical e regionalismos; por intermédio da análise da produtividade das formas e da cartografia linguística (frequência e distribuição espacial) foi possível averiguar a vitalidade e a disseminação dos usos, em áreas lexicais de maior ou menor abrangência territorial; para caracterizá-las empregou-se a noção de norma lexical geral para a variante cujo uso é mais produtivo e disseminado no País, e norma regional, composta pela forma registrada em uma ou mais faixas territoriais contínuas, passíveis de serem delimitadas por isoglossas. Conduzida por essas discussões, elegeu-se a concepção de regionalismos consoante Isquierdo (2007), diferenciando-os do vocabulário comum, documentado em território nacional, enquanto o regional apresenta o uso restrito a determinadas regiões e evidencia marcas culturais, situando a comunidade historicamente.

Frente ao exposto, como parâmetro desta análise, foram comparadas a frequência de uso das variantes obtidas e sua difusão geográfica nas cartas linguísticas. Seguindo esse raciocínio, estabeleceu-se um panorama geral do registro das formas, o cenário por regiões e uma macrovisão comparativa da distribuição espacial de cada uma das formas validadas neste estudo, aliando-se diversos enfoques no tratamento do fenômeno. Com efeito, ao discutir sobre a questão dos regionalismos, consoante Biderman (1978), importa considerar a noção de norma regional e popular, pois tais fatos linguísticos atrelam-se à variação lexical no eixo diatópico como formas consagradas em uma sociedade e cultura.

Sublinhe-se, ainda, que as denominações características de determinadas comunidades linguísticas atuam como formas não estáticas, acompanhando os passos e processos de interação humana, marchando junto aos movimentos migratórios e sob influência de meios de comunicação em massa, tornando as fronteiras virtuais estabelecidas pelas isoglossas mais fluidas. A isso, cumpre acrescentar a observação de Oliveira (1999) a respeito da irradiação das formas regionais que podem ser exclusivas de uma localidade ou podem representar o léxico empregado em mais de uma região específica, por efeito da migração no território brasileiro. Decorre desse fato, a necessidade de atualizar continuamente as marcas de uso nos dicionários, em virtude da mudança e do trânsito das formas linguísticas por uma ou mais regiões.

Outro ponto a ser destacado está atrelado à conservação linguística: algumas variantes regionais podem proceder de arcaísmos portugueses, formas mais conservadas da língua, resultantes do isolamento geográfico de algumas regiões, conforme esclarecem Paiva Boléo (1943), Ribeiro (1979), Silva Neto (1986), Isquerdo (2003) dentre outros.

No que tange à identificação da propagação geográfica dos regionalismos, os atlas linguísticos podem atestar a difusão das variantes, atuando como fonte confiável de dados recolhidos *in loco*, documentando a vitalidade das formas em descrições linguísticas sistemáticas. Assim, podem também contribuir na perenização do patrimônio lexical regional em dicionários, como fonte para a atualização das marcas dialetais nessas obras (ISQUERDO, 2006, 2007).

Nesse contexto, o Projeto ALiB fornece uma matriz de dados segura a respeito da realidade linguística brasileira, por mérito de sua abrangência e rigor metodológico, retratando o fenômeno da variação em um panorama amplo e geral. Assim sendo, neste estudo, empregou-se a noção de norma vinculada aos usos e aos espaços geográficos, aos modos de dizer no que se refere aos traços léxico-semânticos característicos de cada região. Por meio da cartografia das formas linguísticas e do cotejo das diversas perspectivas de análise da frequência e de distribuição das variantes, assim como, da consulta em obras lexicográficas e suas possíveis marcas de uso, é possível atestar a vitalidade e a difusão areal de designações, bem como, atualizá-las. Dessa maneira, ao desvelar as diferenças/semelhanças entre os falares, a Geolinguística representa um campo de estudos substancial na demarcação dos regionalismos.

### **3 O trigo e o pão: história e simbologia**

O denominado *pão francês*, muito presente no cotidiano dos brasileiros, ao contrário da conjuntura que se observa na atualidade, não constituía alimento muito comum à mesa brasileira, nos primeiros anos até o início do século XXI, pois havia a dificuldade no cultivo do trigo,<sup>3</sup> devido ao clima tropical brasileiro, consoante explica Cascudo (2011).

---

<sup>3</sup> A produção de trigo no Brasil é insuficiente para cobrir a demanda; conforme dados do *site* Abitrigo, no balanço da safra 2018/2019 foram importadas 6,75 milhões de toneladas de trigo. Disponível em: <http://www.abitrigo.com.br/trigo-retro-2019-mesmo-com-maior-oferta-importacoes-aumentam-em-2019/>. Acesso em: 5 maio 2020.

Nos primeiros séculos, havia a preferência por consumir alimentos produzidos a partir da mandioca, naturalmente mais adaptada ao clima e ao solo brasileiro.

Segundo Diamond (2013), o primeiro cultivo do trigo deu-se na área do Crescente Fértil – local que se estende, na atualidade, de Israel ao oeste do Irã e da Turquia –, por volta de 8500 a.C., caminhando progressivamente a oeste para a Grécia, aproximadamente 6500 a. C. e, posteriormente, à Alemanha, em 5000 a. C. Nesse período, esse cereal tornou-se, ao lado da cevada, uma das culturas mais importantes da região. O estudioso ainda reforça a importância da domesticação dessas plantas, protagonizando o desenvolvimento da agricultura pelos sumérios, fator, dentre outros, que culminou no surgimento da escrita cuneiforme (sistema de cunhagem de símbolos em placas de argila), criada a fim de registrar e controlar a produção agrícola. Em inscrições, foram encontradas referências ao cereal entre os assírios e os babilônios, datando aproximadamente 3000 a. C.; ainda, o trigo foi objeto de cultivo e adoração pelos chineses por volta de 2700 a. C.

A técnica de fermentação do trigo para a fabricação do pão foi atribuída aos egípcios, por volta de 6000 a. C. Ainda no que se refere a esse alimento, Jacob (2003) salienta o domínio do pão no mundo antigo, material e espiritualmente: os egípcios inventaram-no e edificaram a organização administrativa de seu país em torno dessa invenção; os judeus tornaram o pão ponto de partida de sua legislação social e religiosa, sendo ainda servido nas festas do Pão ázimo, comemoradas setes dias após a Páscoa (SCHULTZ, 2016); os gregos elaboraram lendas para o trigo, como os cultos dos mistérios de Elêusis, rituais nos quais eram celebradas as divindades agrárias Dionísio (relacionada ao vinho) e Deméter (atrelada ao trigo), representando, respectivamente, a bebida e o alimento consideradas as principais conquistas do homem civilizado (GUEDES, 2009). Os romanos, por seu turno, com a denominada política *panem et circenses* (pão e circo), instituída por Otávio Augusto na época do Império Romano (período de 27 a. C. a 476 d. C.), elegeram o pão como um instrumento de dominação social. Durante esse governo, surgiu outra figura que transubstanciou o referido alimento, Jesus Cristo, autointitulando-se “o pão da vida”, em sentido metafórico. Desse modo, o “pão nosso de cada dia” também se tornou um símbolo religioso para o catolicismo e na páscoa judaica.

No que concerne à simbologia do pão em diversas concepções religiosas, Lurker (2003) comenta a respeito de seu sentido genérico, compreendido como “comida” e, em sentido abrangente, como alimento espiritualmente mais elevado. Segundo um mito mesopotâmico, o deus Anu possuía o pão e a água da vida. No altar, o pão era abençoado por sacerdotes egípcios, tornando-se sagrado; no *Livro dos Mortos* egípcio, o morto espera receber dos deuses o pão da vida. No culto de Mitra, originário da Pérsia e propagado na Grécia Antiga no período helenístico, as espigas de trigo e o pão simbolizavam a transformação e a nova vida; no judaísmo, o *matzá* ou *matzot*, o pão não fermentado, simbolizava a festa da Páscoa. O pão e o vinho são elementos centrais na comunhão católica, na eucaristia, assim como estão presentes no simbolismo litúrgico de Igrejas Ortodoxas. Em algumas regiões, como alimento sagrado, o pão é assinalado com uma cruz antes de ser fatiado; entre os germânicos e eslavos, o pão e o sal trazem boa sorte e são ofertados aos hóspedes e aos casais jovens.

O ritual litúrgico projeta o homem ao princípio mítico de tudo, à cosmogonia. Partindo de várias culturas, o pão e o trigo foram retratados como tema central, alimento essencial e sagrado, ressignificando continuamente o mito e desembocando na repetição do tema da morte e ressurreição de Cristo, sendo a hóstia (pão), na eucaristia, transubstanciada no corpo de Cristo. Desse modo, a ingestão do alimento sacralizado é responsável pela existência em sentido mais elevado, espiritualizada, consumando, por intermédio do alimento do espírito, uma ligação entre o divino e o homem.

No contexto histórico americano, o cultivo do trigo aportou trazido pelos europeus, no século XV. Especificamente no Brasil, foi introduzido por Martim Afonso de Souza, por volta de 1534, na capitania de São Vicente. O clima mais quente dificultou o cultivo nesse território, por isso, muitos dos pães antigos fabricados no Brasil eram produzidos a partir da mandioca, o beiju, denominado “pão dos trópicos” ou “pão da terra” (MUSSOLINI, 1972, p. 314). Após a imigração italiana e o impulsionamento da industrialização, a produção do pão feito de trigo passou a ter mais destaque. No período da *belle époque*, a elite brasileira, acostumada a reproduzir padrões europeus, passou a solicitar aos padeiros a fabricação de pães à moda francesa, mais leves e macios. Nesse contexto, surgiu o nominado *pão francês*.

Na atualidade, o trigo constitui o segundo cereal mais cultivado no mundo. No Brasil, a sua produção desenvolveu-se no Rio Grande do Sul (retomada a partir de 1920) e no Paraná (a partir de 1940).<sup>4</sup> Não obstante, o cultivo brasileiro é insuficiente em relação ao consumo; são importados, em média, seis milhões de toneladas de trigo para suprir a demanda.

#### 4 Análise dos dados

O *corpus* analisado refere-se aos dados coletados pelas equipes do Projeto ALiB e foi disponibilizado mediante um pedido formal de autorização de uso, enviado ao Comitê Nacional do ALiB; na formalização do pedido de autorização foi considerada a contribuição anterior da autora deste estudo como colaboradora e apoio técnico, atuando na transcrição e revisão de algumas entrevistas. Por conseguinte, para este trabalho, não passou novamente pelo Comitê de ética, pois integra o Projeto ALiB.

Os dados foram levantados e catalogados a partir da análise da transcrição e da audição das entrevistas. As variantes coletadas foram validadas conforme a produtividade e, por meio da elaboração de quadros, gráficos e da cartografia linguística, foi averiguada a sua produtividade e disseminação pelo território e a formação de áreas delimitadas por isoléxicas, indicando regionalismos. As isoléxicas (mesmo léxico) reportam-se às isoglossas, as linhas virtuais que demarcam limites da difusão de formas linguísticas (nesse caso, em nível lexical) determinando áreas linguísticas, conforme Ferreira e Cardoso (1994). Ainda como critério de validação, os itens lexicais obtidos foram confrontados às entradas nas obras lexicográficas pioneiras Bluteau (1728) e Silva (1813), nos dicionários gerais Houaiss e Villar (2009), Ferreira (2010) e Aulete [s/d] e no vocabulário específico organizado por Almeida (1999). Para dar subsídio à investigação etimológica, foi consultado Cunha (2010).

Assim, inicialmente, foram sistematizadas as variantes validadas, os critérios de agrupamento e o montante geral de ocorrências; após, a análise foi organizada em duas subseções: uma enfoca a estruturação dos dados por região, e a outra, a distribuição espacial no território brasileiro para cada uma das variantes validadas neste estudo. Naquela,

---

<sup>4</sup> Fonte: História do trigo. Disponível em: <http://sinditrigo.com.br/historia-do-trigo/>. Acesso em: 1º out. 2019.

com foco nas regiões, foram arroladas as proporções de ocorrências de variantes, a produtividade geral e a estadual, às quais se adicionaram as cartas linguísticas diatópicas pontuais; nesta, foram elaboradas cartas de arealidade gradual<sup>5</sup> enfocando a distribuição espacial para cada variante no território brasileiro e a análise léxico-semântica dos itens lexicais.

As formas obtidas e validadas foram inseridas no banco de dados do *software* para geração de relatórios e de cartografia linguística [SGVCLin] (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014); como carta base, foram utilizadas as bases cartográficas georreferenciadas elaboradas pela Comissão de Informatização e Cartografia (CIC) do Projeto ALiB. Por intermédio do programa utilizado, foram geradas automaticamente as cartas linguísticas para a análise da distribuição areal (espacial). Desse modo, foram elaboradas 19 cartas linguísticas, sendo sete cartas diatópicas retratando os dados obtidos nas cinco regiões do País e 12 mapas de arealidade gradual, fotografando a arealização de cada uma das formas validadas neste estudo, em contexto nacional. A partir da macrovisão da distribuição espacial das variantes documentadas em cartas linguísticas abrangendo o território nacional, acredita-se ser possível averiguar a vitalidade e a disseminação de uma possível norma geral e de regionalismos como distintas formas de nomear o referente em pauta.

Ainda, na descrição da norma lexical geral ou regional, somou-se o critério alta frequência e distribuição regular das formas linguísticas à constatação da distribuição do conjunto de realizações concretas nos espaços geográficos, haja vista a definição de norma (em alusão aos neologismos) adotada por Barbosa (1989, p. 573):

[...] uma norma de grupo de indivíduos, por exemplo, se define de um ponto de vista, como um conjunto de modelos de realizações concretas, e de outro, como o conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes.

Assim, outro parâmetro adotado neste estudo para a definição de norma geral e regional foi a alta frequência do fato linguístico e a sua

---

<sup>5</sup> O programa SGVCLin automaticamente traça isoglossas delimitando os limites virtuais da disseminação areal ou espacial das variantes (arealidade), representando e preenchendo as suas áreas de distribuição por meio de cores. Ainda, simbolizadas pela gradação da cor, são acrescidas progressões de produtividade de cada forma linguística (ROMANO, 2015).

distribuição regular na rede de pontos. Na contagem da frequência, a exemplo de Muller (1977), foi apurada a frequência absoluta (ocorrências precisas no *corpus*) e a relativa (cálculo percentual da frequência absoluta).

Ademais, a interpretação dos dados foi aliada à comparação de outros estudos geolinguísticos e, quando pertinente, aos processos de formação sócio-histórico-econômico regional que, por seu turno, têm potencial de intervir no processo denominativo.

Em virtude da presença do referente no cotidiano do brasileiro em geral, de antemão, acreditou-se que haveria uma quantidade ínfima de não respostas,<sup>6</sup> além de um polimorfismo, ou seja, variadas denominações. Assentado em experiência anterior, em Yida (2011), que analisou as respostas dos 200 informantes das 25 capitais abrangidas pelo Projeto ALiB (sendo oito por localidade), registradas a essa mesma questão (186 do QSL), previu-se que a maioria das formas linguísticas coletadas não constariam nas obras lexicográficas analisadas, por se tratar de designações muito específicas, elucubrações por ora deslindadas nesta análise.

Com efeito, a aplicação da questão 186 revelou uma profusão de denominações para o referente *pão francês*. No momento da formulação da pergunta, o inquiridor leva uma realia (um exemplar do pão, comprada em geral em alguma padaria da localidade) ou uma imagem, a fim de dirimir dúvidas e minimizar possíveis lacunas nas respostas. Foi verificada apenas uma não resposta, no ponto 125 – Catalão, em Goiás, pela informante jovem, do sexo feminino.

No cômputo geral, foram documentadas 48 variantes lexicais para o referente em pauta, tendo sido 16 formas validadas e 32 rotuladas como *outras*. Diante desse polimorfismo, no processo de agrupamento das formas linguísticas, foram consideradas as mais produtivas e as integradas em determinadas áreas geográficas com distribuição regular. Ainda, foram condensadas as formas morfonêmicas a seguir:

---

<sup>6</sup> Nesta análise, foi considerada não resposta uma lacuna na resposta: especificamente neste caso, a informante não recordou a denominação usual que sua comunidade linguística registra para o referente.

- (i) formas compostas – foram consideradas as formas compostas em detrimento das unidades lexicais simples, com exceção de *cacetinho* (*cacetinho* > *pão cacetinho*): *pão francês* > *francês*; *pão carioca* > *carioca*; *pão careca* > *careca*; *pão massa grossa* > *massa grossa*; *pão aguado* > *aguado*;
- (ii) validação das formas compostas mais produtivas: *pão francês* > *pão francês comum*; *pão de sal* > *pão de sal pequeno*, *pão salgado* etc.;
- (iii) formas no diminutivo e/ ou pluralizadas: *pão francês* > *pãozinho francês*; *pão* > *pãozinho*, *pães*, *pãezinhos*; *pão de sal* > *pãozinho de sal*, *pãozito de sal*; *pão carioca* > *pão carioquinha*; *pão d'água* > *pãozinho d'água*; *pão pequeno* > *pão pequenino*, *pão pequenininho*; *pão careca* > *carequinha*; *filão* > *filãozinho*;
- (iv) alteamento da vogal /e/ > /i/: *bengalinha* > *bingalinha*.

Categorizadas como *outras*, foram rotuladas as variantes: *pão comum* (10 registros); *pão normal*, *pão de padeiro*, *pão de milho*, *bilha* (quatro ocorrências cada uma); *pão água e sal* e *pão de 50 gramas* (três); *pão da/de padaria*, *bisnaga/bisnaguinha*, *pão crioulo*, *pão/pãozinho comum*, *pão simples*, *pão/pãozinho baiano*, *pão de vinte/ pão de vinte centavos* (apresentando dois registros), e as *hápax legomena*: *pãozinho de dez centavos*, *pão de quinze*, *mini*, *pilãozinho*, *pão da casca grossa*, *pão cascudo*, *pão de rua*, *pão da casca dura*, *pão de lastro*, *sovado*, *salário mínimo*, *italiano*, *pão de forno*, *paulistinha*, *pão manual pequeno*, *pão brotinho*, *pãozinho sequinho* e *portenho*. Algumas variantes de uso mais familiar ou particularizado, conforme relato dos informantes, foram desconsideradas, a saber: *cachorrinho*, *pão amassado de pé*, *pão de doce*, *pão tatu*.

No montante geral, foram documentadas 1224 ocorrências, sendo as mais frequentes e seus percentuais de produtividade organizados no Quadro 1.

QUADRO 1 – Produtividade geral das variantes (questão 186 do QSL)

<b>Variantes</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Porcentagens %</b>
<i>Pão francês</i>	452	36,93%
<i>Pão</i>	236	19,28%
<i>Pão de sal</i>	165	13,48%
<i>Cacetinho</i>	80	6,54%
<i>Outras</i>	63	5,15%
<i>Pão carioca</i>	46	3,76%
<i>Pão d'água</i>	39	3,19%
<i>Pão pequeno</i>	29	2,37%
<i>Pão careca</i>	28	2,29%
<i>Pão massa grossa</i>	27	2,21%
<i>Filão</i>	22	1,80%
<i>Média</i>	11	0,90%
<i>Pão aguado</i>	10	0,82%
<i>Pão de trigo</i>	5	0,41%
<i>Bengalinha</i>	4	0,33%
<i>Brizolinha</i>	4	0,33%
<i>Pão Jacó</i>	3	0,25%
<b>Total</b>	<b>1224</b>	

Fonte: Yida (2019, p. 242) adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

Na apuração geral, a forma mais produtiva foi *pão francês*, totalizando praticamente um terço das respostas válidas, com 452 ocorrências, perfazendo 36,93%, seguida de *pão*, com 236 menções e índice de 19,28%. *Pão de sal*, terceira mais produtiva, obteve 165 ocorrências, sendo 13,48%; *cacetinho*, com 80 registros computou 6,54%, e *outras* variantes somaram 63, totalizando 5,15%. Como sexta variante, *pão carioca* atingiu 46 citações, contabilizando 3,76% das ocorrências e *pão d'água*, 39, perfazendo 3,19%. As demais denominações (*pão pequeno*, *pão careca*, *pão massa grossa*, *filão*, *média*, *pão aguado*, *pão*

de trigo, bengalinha, brizolinha e pão Jacó) apresentaram menos de 3% de ocorrências cada uma.

Efetuada a apresentação e a discussão quantitativa geral, procedeu-se à análise da produtividade das variantes e da disseminação espacial nas cartas linguísticas diatópicas por regiões brasileiras.

#### 4.1 Distribuição quantitativa e espacial das variantes por regiões

Neste trecho da análise, os dados foram organizados por região, de modo a oferecer, em um primeiro momento, um panorama da proporção de ocorrências de variantes por informantes (Quadro 2); após, foram organizados gráficos sistematizando o cenário quantitativo geral e a produtividade de ocorrências por estado; afinal, foram elaboradas as cartas linguísticas.

QUADRO 2 – Panorama da produtividade para a questão 186 do QSL  
(pão francês) – ocorrências das variantes por regiões

Região	Quantidade de informantes	Ocorrências	Proporção de ocorrências/ informantes
Norte	96	116	1,20
Nordeste	312	360	1,15
Centro-Oeste	96	106	1,10
Sudeste	320	428	1,33
Sul	176	214	1,21

Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

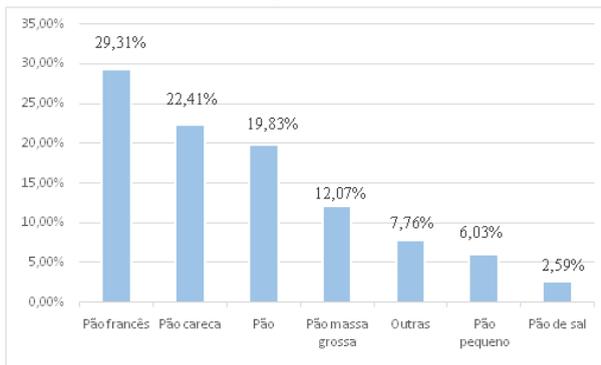
Dentre as 1224 ocorrências totais, obteve-se a seguinte proporção: foram observadas 116 ocorrências de formas linguísticas no falar de 96 informantes nortistas, contabilizando a proporção de 1,20; no Nordeste, os 312 informantes entrevistados registraram 360 ocorrências, na porção de 1,15; dentre os 96 entrevistados no Centro-Oeste, houve 106 ocorrências, totalizando 1,10; no falar da Região Sudeste, dentre os 320 informantes foram obtidas 428 ocorrências, sendo a maior proporção de ocorrências por informantes, 1,33; no falar do Sul, os 176 informantes inquiridos registraram 214 ocorrências de variantes, perfazendo a proporção de 1,21.

No item que se segue, os índices numéricos e a disseminação diatópica das variantes por região e por estado foram norteadores das análises.

#### 4.1.1 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Norte

O panorama quantitativo geral da Região Norte é demonstrado no Gráfico 1.

GRÁFICO 1 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*)  
– Região Norte

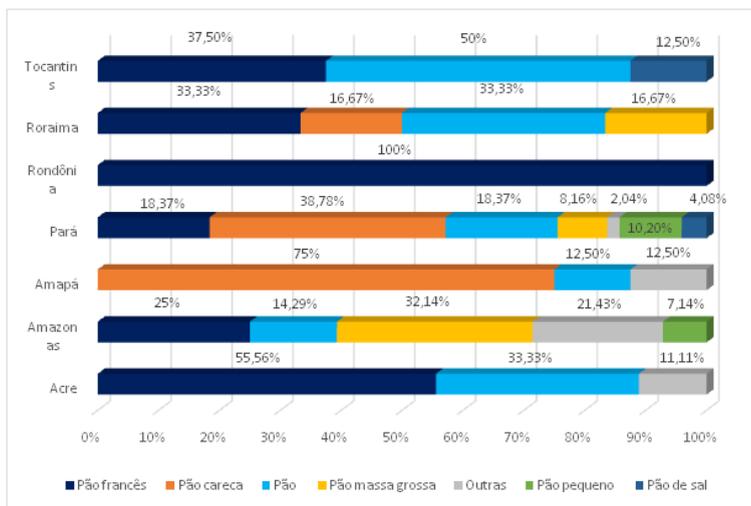


Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

Na fala nortista, foram obtidas seis variantes, além das integradas como *outras*; tal como no cenário linguístico geral, dentre as 116 ocorrências regionais, a forma mais produtiva registrada foi *pão francês*, com frequência absoluta de 34 ocorrências e relativa de 29,31%; *pão careca*, variante documentada com maior expressividade especificamente nesta porção do País contabilizou 26 ocorrências, somando 22,41% do total; *pão* obteve 23 menções e 19,83%; *pão massa grossa* foi documentado com 14 registros, sendo 12,07%; *outras* variantes totalizaram nove, com índice de 7,76%; *pão pequeno*, sete, com porcentagem de 6,03% e *pão de sal*, apenas três ocorrências e frequência relativa de 2,59%.

No gráfico 2, os percentuais das ocorrências foram sistematizados de modo a oferecer uma visão focada nos resultados quantitativos por estados que compõem a Região Norte:

GRÁFICO 2 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – por estado (Região Norte)

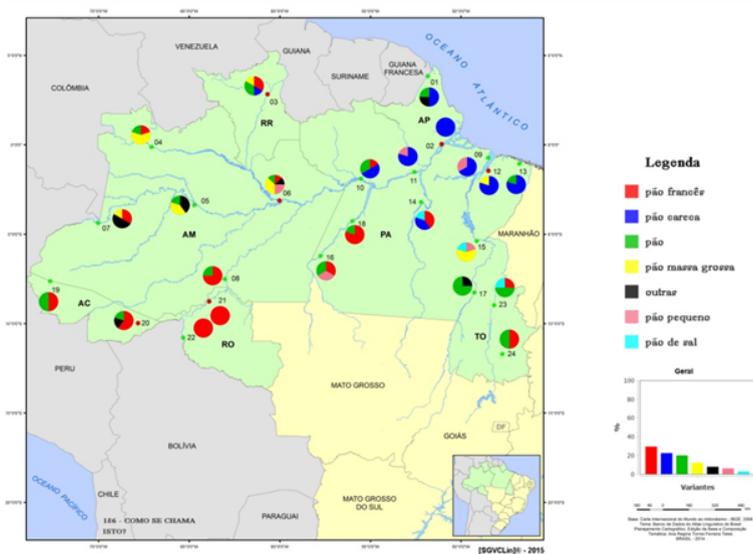


Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

De modo geral, *pão francês* foi a variante mais produtiva no Acre (55,56%), tendo sido documentada com relevância em Tocantins (37,50%), Roraima (33,33%), Amazonas (25%) e Pará (18,37%), sendo hegemônica em Rondônia, caracterizando-se a norma lexical no último, por sua alta frequência e distribuição regular. No Amapá, observou-se um comportamento linguístico peculiar, indicando uma possível norma lexical regional, em que a forma eleita, *pão careca*, integra 75% das ocorrências; a variante ainda apresentou predominância no Pará (38,78%), sendo menos expressiva em Roraima (16,67%). *Pão* foi a forma de maior incidência em Tocantins (50%), com registros também em Roraima (33,33%), Pará (18,37%), Amapá (12,50%), Amazonas (14,29%), e no Acre (33,33%). *Pão massa grossa*, mais produtivo no Amazonas (32,14%) indica outra possível forma regional, com ocorrências em Roraima (16,67%) e no Pará (8,16%). Com menor incidência, *pão pequeno* foi registrado no Pará (10,20%) e Amazonas (7,14%) e *pão de sal* em Tocantins (12,50%) e no Pará (4,08%).

A distribuição espacial das denominações para o “pão feito à base de farinha de trigo, sal e água”, na Região Norte, é ilustrada por meio da carta (FIGURA 1).

FIGURA 1 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Norte)<sup>7</sup>



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

*Pão francês*, a variante lexical mais produtiva, foi documentada nos pontos tocantinenses, rondonienses e no centro sudoeste paraense e amapaense. *Pão careca*, por seu turno, foi predominante mais a nordeste da Região Norte, integrando-se em uma faixa territorial contínua, abrangendo notadamente localidades amapaenses e paraenses, além de Boa Vista – RR. *Pão*, denominação mais genérica, foi registrada de forma mais dispersa. A variante *pão massa grossa* foi documentada em duas áreas descontínuas: no norte e no noroeste da região (Amazonas e Roraima) e em algumas localidades paraenses (12 – Belém e 15 – Marabá)

<sup>7</sup> Neste estudo, as cartas linguísticas diatópicas pontuais apresentam, em cada ponto de inquérito, as ocorrências de variantes (primeira, segunda ou terceira respostas), simbolizadas por cores; a realização (percentual) é automaticamente representada nos gráficos de pizza. A legenda está posicionada no lado esquerdo; nela, as variantes são organizadas por produtividade (da mais para a menos). Abaixo da legenda, há um gráfico de produtividade geral na região considerada.

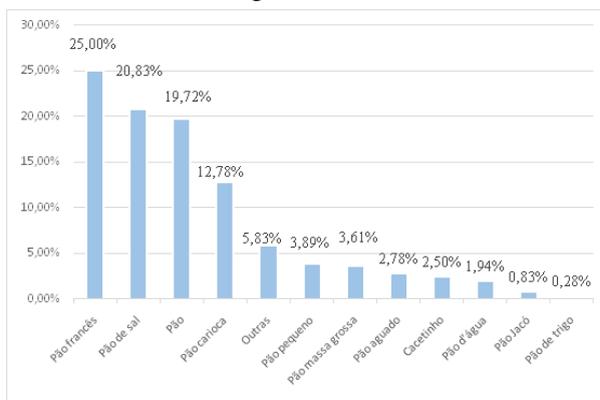
situadas a leste. *Outras*<sup>8</sup> variantes foram registradas em pontos situados no Amazonas, Acre, Amapá e Pará. *Pão pequeno* foi documentada em pontos paraenses e amazonenses descontínuos; rumo à Região nordestina, *pão de sal* foi registrado em algumas localidades paraenses e uma tocantinense, em distribuição contínua.

Cada estado da Região Norte apresentou um padrão linguístico peculiar; foi notável a continuidade territorial de registros para *pão careca* como norma lexical regional, com maior incidência e distribuição regular no Amapá, estendendo-se para trechos contínuos no Pará e em Roraima. *Pão massa grossa*, mais produtivo no Amazonas, abrange Roraima, em outro contínuo. Os dados documentados no Nordeste e a representação cartográfica da variante no território nacional indicam uma continuidade da norma, abrangendo os pontos paraenses próximos à fronteira nordestina.

#### 4.1.2 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Nordeste

O cenário quantitativo das formas documentadas na Região Nordeste é exemplificado no Gráfico 3.

GRÁFICO 3 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – Região Nordeste

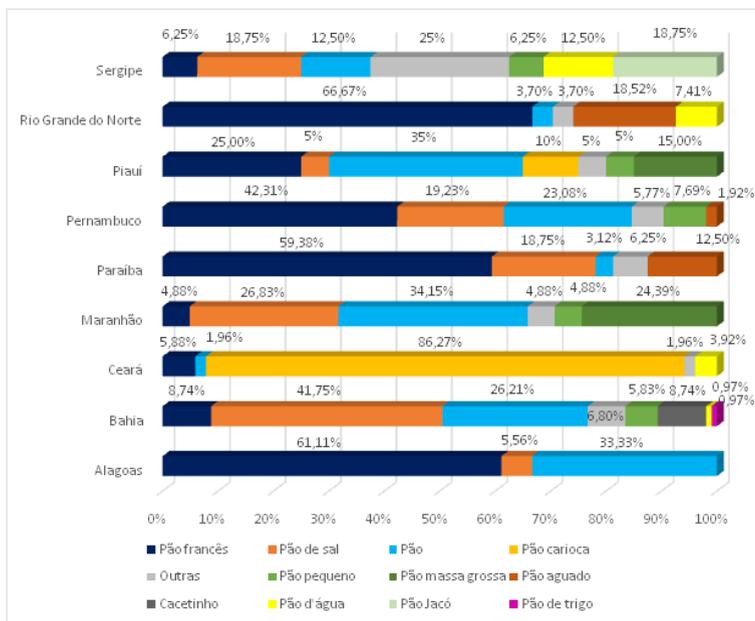


Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

<sup>8</sup> Na Região Norte, foram registradas ainda as formas agrupadas como *outras*: *pãozinho de dez centavos*, *pão de quinze*, *pão de vinte centavos*, em 01 – Oiapoque (AP); *pão da água e sal* e *pão comum*, em 05 – Tefê (AM); *pão brotinho*, em 06 – Manaus (AM); *pão da casca dura*, *pão de lastro*, *pão da casca grossa*, em 07 – Benjamin Constant (AM); *pão comum*, em 17 – Conceição do Araguaia (PA), e *pão manual pequeno*, em 20 – Rio Branco (AC).

Na região em foco, ao contrário da apuração anterior, foram obtidas 11 variantes diferentes para o referente, além das agrupadas como *outras*. Entre as 360 ocorrências, *pão francês* novamente foi a forma mais produtiva, com 90 menções, o que representa 25% do total; *pão de sal* surge como a segunda mais produtiva, apresentando 75 documentações, perfazendo 20,83%; *pão* obteve 71 ocorrências, sendo 19,72% do total; *pão carioca*, forma restrita a essa porção do território nacional, 46, perfazendo 12,78%; *outras* variantes contabilizaram 21 ocorrências e percentual de 5,83%; *pão pequeno*, 14, sendo 3,89%; *pão massa grossa*, 13 menções, totalizando 3,61%; *pão aguado*, dez, com 2,78%; *cacetinho* apenas nove registros e 2,50%; *pão Jacó*, três, configurando 0,83% e, por último, *pão de trigo*, registrado por um informante, perfazendo 0,28% da totalidade.

GRÁFICO 4 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – por estado (Região Nordeste)



Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

No que se refere ao quadro quantitativo por estados da Região Nordeste, observou-se uma profusão de denominações: em cada um foi

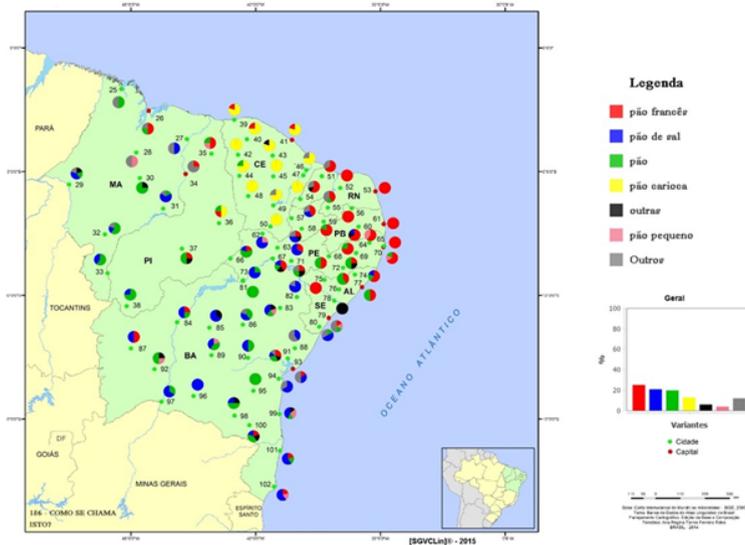
apresentado um comportamento linguístico diverso. *Pão francês* foi a mais produtiva em Rio Grande do Norte (66,67%), Alagoas (61,11%), Paraíba (59,38%), Pernambuco (42,31%), com alguma ocorrência também no Piauí (25%), Bahia (8,74%), Sergipe (6,25), Ceará (5,88%), e Maranhão (4,88%). Ainda na Bahia, o cenário linguístico em termos quantitativos demonstrou que a mais produtiva foi *pão de sal* (41,75%), também registrado no Maranhão (26,83%), Pernambuco (19,23%), Paraíba (18,75%), Sergipe (18,75%), Alagoas (5,56%) e Piauí (5%). A forma genérica *pão* foi documentada em todos os estados, com maior produtividade no Piauí (35%) e no Maranhão (34,15%), e com expressividade em Alagoas (33,33%), na Bahia (26,21%), em Pernambuco (23,08%) e Sergipe (12,50%), ocorrendo também no Rio Grande do Norte (3,70%), Paraíba (3,12%) e Ceará (1,96%). É interessante notar a ocorrência praticamente hegemônica da variante *pão carioca* no falar cearense (86,27%), documentada também no Piauí (10%), sinalizando um regionalismo cujo uso integra-se em uma norma regional, delimitada nesses dois estados. *Pão pequeno* obteve poucos registros em Pernambuco (7,69%), Sergipe (6,25%), Bahia (5,83%), Piauí (5%) e Maranhão (4,88%); *pão massa grossa* foi mais expressivo no Maranhão (24,39%), com alguma ocorrência no Piauí (15%); *pão aguado* foi registrado no Rio Grande do Norte (18,52%), Paraíba (12,50%) e Pernambuco (1,92%); *cacetinho* apenas em território baiano (8,74%); *pão d'água* em Sergipe (12,50%), Rio Grande do Norte (7,41%), Ceará (3,92%) e Bahia (0,97%); *pão Jacó* somente em Sergipe, com relativa representatividade quantitativa (18,75%) e *pão de trigo* apenas na Bahia (0,97%).

A Figura 2 e a Figura 3 representam a distribuição diatópica das variantes obtidas na Região Nordeste, revelando um cenário polimórfico. Esse panorama deve-se, possivelmente, à miscigenação de diversos povos que se mesclaram nessa região, retratando em sua fala aspectos culturais herdados. A fim de facilitar a leitura, foram cartografadas as seis formas mais produtivas, que constam na Figura 2, e as demais seis variantes de menor produtividade, na Figura 3.

Na Figura 2, a forma mais produtiva, *pão francês*, foi documentada notadamente em áreas do litoral ao interior, mais ao nordeste da Região, abrangendo o Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e trecho da Bahia, em trecho territorial contínuo, com registro disperso em outros pontos. De modo inverso, a distribuição espacial para a forma linguística *pão de sal* foi documentada principalmente no interior

baiano e maranhense, com menor produtividade em diversos estados, em direção ao litoral. *Pão*, mais genérico, foi registrado em localidades mais dispersas, tais como algumas maranhenses, potiguaras, sergipanas e baianas, e na maior porção dos pontos piauienses, e em um ponto cearense. A quarta variante mais produtiva na região, *pão carioca*, foi obtida em todos os pontos cearenses e em trechos piauienses próximos a esse estado. As formas categorizadas como *outras*<sup>9</sup> foram documentadas em variadas localidades da Região Nordeste. *Pão* pequeno foi registrado em locais afastados situados no Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

FIGURA 2 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Nordeste) – seis variantes mais produtivas

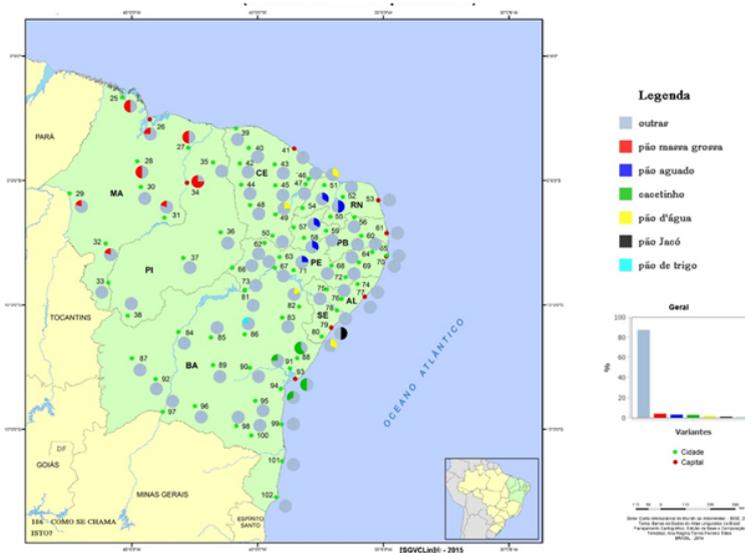


Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

<sup>9</sup> Na Região Nordeste, rotuladas como *outras*, foram registradas as seguintes variantes consoante as localidades: 29 – Imperatriz (MA), *pão de vinte*; 30 – Tuntum (MA), *pãozinho sequinho*; 37 – Canto do Buriti (PI), *pão normal*; 43 – Canindé (CE), *sovado*; 54 – Pau dos Ferros (RN), *pão normal*; 58 – Itaporanga (PB), *pão de rua*; 60 – Campina Grande (PB), *pão crioulo*; 71 – Floresta (PE), *pão comum*; 72 – Garanhuns (PE), *pão baiano*; 78 – Propiá (SE), *pão de milho*; 67 – Cabrobó (PE), *pão crioulo*; 85 – Irecê (BA), *pão comum*; 91 – Santo Amaro (BA), *pão normal*; 92 – Santana (BA), *pão simples*; 98 – Vitória da Conquista (BA), *pão de 50 gramas* e 100 – Itapetinga (BA), *pão de 50 gramas*.

Na Figura 3, é retratada uma carta representando a distribuição espacial das demais seis formas documentadas na região. A sétima variante mais produtiva na Região Nordeste, *pão massa grossa*, foi documentada em área contínua, em localidades maranhenses em direção às paraenses (FIGURA 1) e em um ponto piauiense. A disseminação areal para *pão aguado*, oitava mais produtiva, também se integrou em faixa territorial contínua, abrangendo localidades no oeste paraibano e potiguar além do centro pernambucano. A nona forma mais produtiva, *cacetinho*, foi documentada em pontos situados na Bahia, em distribuição contígua, nas proximidades da capital Salvador. *Pão d'água*, a décima mais produtiva, obteve registros mais dispersos. *Pão Jacó*, por sua vez, foi documentado somente em Aracaju, e *pão de trigo*, que também aparece nos dados da Região Sul, foi registrado por apenas um informante baiano, situado no ponto 86 – Jacobina.

FIGURA 3 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Nordeste) – seis variantes menos produtivas



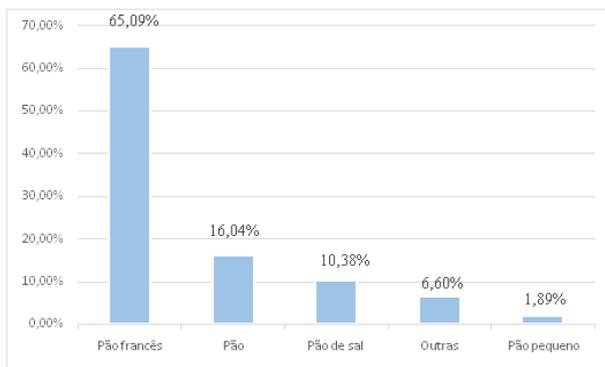
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Na região nordestina, novamente, comparando-se os dados obtidos em cada estado, observou-se uma heterogeneidade linguística; no entanto, foi relevante a produtividade praticamente hegemônica da variante *pão carioca*, apresentando alta frequência e distribuição regular, caracterizando a norma lexical cearense, com registro em uma localidade piauiense. Com menor representatividade numérica no território abrangido, *pão aguado* disseminou-se em um contínuo abarcando Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, como norma regional; comparando-se aos dados do Norte, a variante *pão massa grossa* obteve produtividade no Maranhão, disseminando-se ao Piauí e Pará.

#### 4.1.3 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Centro-Oeste

No Gráfico 5, foram arrolados os dados numéricos relacionados aos resultados obtidos na Região Centro-Oeste.

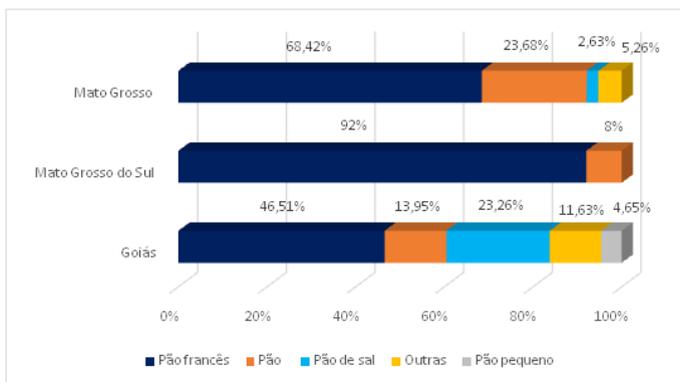
GRÁFICO 5 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – Região Centro-Oeste



Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

No contexto quantitativo da Região Centro-Oeste, além das formas agrupadas como *outras*, foram registradas quatro variantes para o referente; *pão francês* predomina exponencialmente como a mais produtiva, com 69 ocorrências entre as 106 totais obtidas, perfazendo 65,09%; *pão* contabilizou 17 menções, com frequência relativa de 16,04%; *pão de sal*, 11 registros e 10,38%; *outras* variantes, sete ocorrências, totalizando 6,60%, e *pão pequeno* somente dois registros, inteirando 1,89% do percentual.

GRÁFICO 6 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*)  
 – por estado (Região Centro-Oeste)



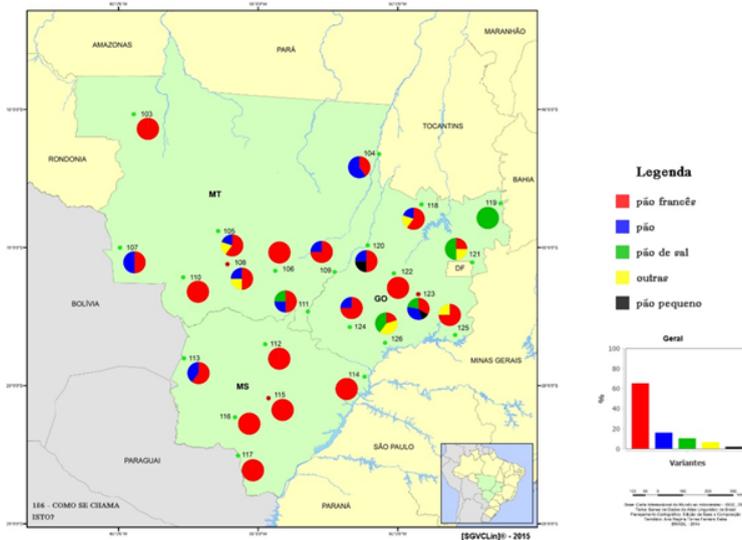
Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

*Pão francês* foi praticamente hegemônica nos dados do Mato Grosso do Sul (92%), sendo a mais produtiva em Mato Grosso (68,42%) e em Goiás (46,51%). *Pão* foi registrado em Mato Grosso (23,68%), Goiás (13,95%) e Mato Grosso do Sul (8%); *pão de sal* foi documentado com maior expressividade em Goiás (23,26%), tendo sido mencionado também no Mato Grosso (2,63%); *pão pequeno* foi obtido apenas em Goiás (4,65%).

No panorama linguístico da Região Centro-Oeste, retratado por meio da Figura 4, mais uma vez, a variante *pão francês* foi predominante, com registros em todos os pontos, excetuando-se um goiano, em que *pão de sal* foi hegemônica. A distribuição espacial da forma genérica *pão* ocupou a área central dos três Estados que integram a Região. Integrando uma continuidade territorial linguística, *pão de sal* caminha desde a Região Nordeste (FIGURA 2) até localidades goianas e uma mato-grossense. Em pontos mais espalhados, foram registradas *outras*<sup>10</sup> variantes. *Pão pequeno* foi obtido apenas em pontos goianos mais dispersos.

<sup>10</sup> Nos pontos a seguir, foram obtidas as variantes categorizadas como *outras*: 105 – Diamantino (MT) – *pãozinho comum*; 108 – Cuiabá (MT) – *pão cascudo*; 118 – Porangatu (GO) – *pão simples*; 121 – Formosa (GO) – *bisnaga*; 125 – Catalão (GO) – *bisnaguinha*, 126 – Quirinópolis (GO) – *pão comum*.

FIGURA 4 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Centro-Oeste)



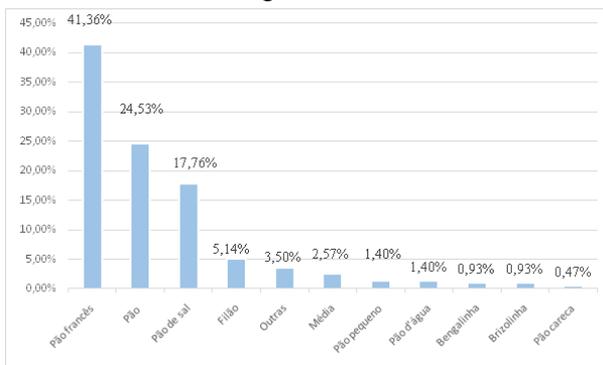
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

De modo geral, a variante *pão francês* teve registro expressivo na Região Centro-Oeste, com maior relevo no falar sul-matogrossense. A distribuição para *pão de sal*, mais produtiva em Goiás, representa um contínuo com pouca expressividade em Mato Grosso. Os dados obtidos no Sudeste, como os resultados do Nordeste e do Norte, podem revelar se há um contínuo territorial dessa variante.

#### 4.1.4 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Sudeste

O perfil quantitativo dos dados documentados na Região Sudeste foi organizado no Gráfico 7:

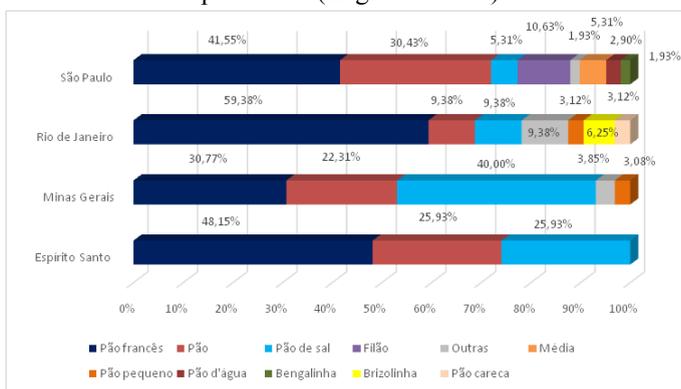
GRÁFICO 7 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – Região Sudeste



Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

Na região em tela, foram obtidas dez variantes, além das agrupadas como *outras*. Ainda, dentre as 428 ocorrências totais, foram obtidas 177 para *pão francês*, atingindo 41,36% do geral; *pão* foi a segunda mais produtiva, com 105 menções e 24,53%; *pão de sal* obteve 76 ocorrências, perfazendo 17,76%; *filão*, 22, totalizando 5,14%; *outras* formas, 15 registros, integrando 3,50%; *média*, com 11 registros, 2,57%, *pão pequeno* e *pão d'água*, seis menções, representando 1,40% cada um; *bengalinha* e *brizolinha*, quatro, sendo 0,93% cada, e *pão careca* apenas duas ocorrências, totalizando 0,47%.

GRÁFICO 8 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – por estado (Região Sudeste)



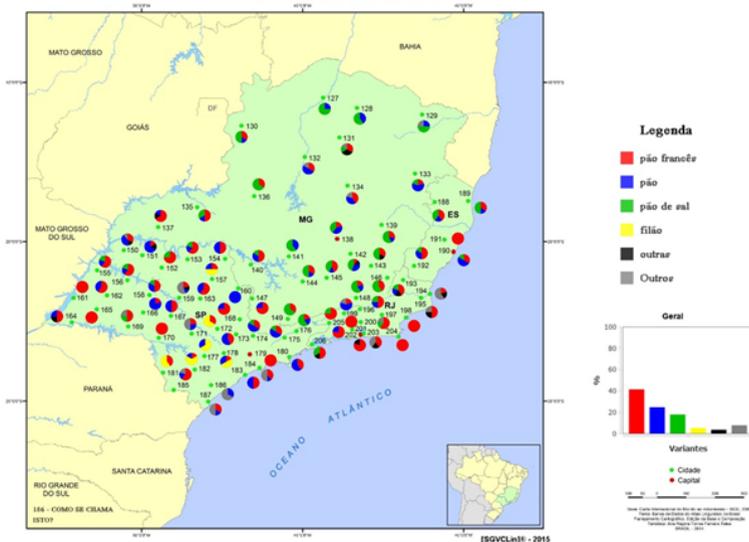
Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

Na disposição quantitativa de dados por estado da Região Sudeste, *pão francês* aparece como forma mais produtiva no Rio de Janeiro (59,38%), Espírito Santo (48,15%), e São Paulo (41,55%), e segunda em Minas Gerais (30,77%); *pão* obteve o segundo lugar nos índices de produtividade em São Paulo (41,55%) e no Espírito Santo (25,93%), com registros também em Minas Gerais (22,31%) e no Rio de Janeiro (9,38%). Nesse cenário, Minas Gerais apresenta, em comparação aos dados documentados nesta região, uma norma lexical divergente, em que desponta a variante *pão de sal* como a predominante (40%), com expressividade no Espírito Santo (25,93%) e ocorrências também no Rio de Janeiro (9,38%) e em São Paulo (5,31%). Interessante notar também a presença das variantes *filão* (10,63%) e *média* (5,31%), que singularizam a norma lexical paulista; as formas *pão d'água* (2,90%) e *bengalinha* (1,93%) obtiveram ocorrências também restritas a esse estado; *pão pequeno* foi obtido no Rio de Janeiro (3,12%) e em Minas Gerais (3,08%); *brizolinha* (6,25%) e *pão careca* (3,12%), apenas no Rio de Janeiro.

Na Região Sudeste, foi delineado outro cenário linguístico polimórfico, organizado em duas cartas: na Figura 5, em que constam as cinco formas mais produtivas e na Figura 6, retratando as seis variantes menos produtivas. Na Figura 5, a variante de maior produtividade, *pão francês*, foi registrada em todos os Estados, assim como a denominação genérica *pão*; a arealização para *pão de sal*, terceira mais incidente, indica a formação de um contínuo, cuja disseminação engloba terras mineiras, o norte e o sul capixaba, o norte fluminense e o nordeste e vestígios do oeste paulista. Como quarta mais produtiva, *filão*, variante regional, foi documentada no interior paulista, mais precisamente em 181 – Itararé, 182 – Capão Bonito, 177 – Itapetininga, 178 – Sorocaba, 172 – Piracicaba, em área contínua, e em um ponto mais descontínuo, 157 – Ribeirão Preto. Em localidades mais dispersas, foram obtidas as formas rotuladas como *outras*.<sup>11</sup>

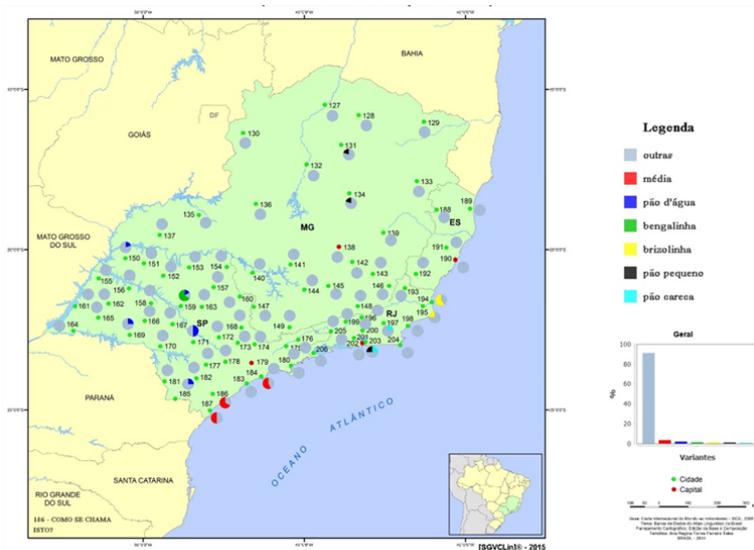
<sup>11</sup> Como *outras*, foram obtidas as variantes, nos pontos a seguir: 131 – Montes Claros (MG) – *pãozinho baiano*, *pão normal*; 137 – Campina Verde (MG) *pão comum*; 142 – Ouro Preto (MG) – *pão normal*; 143 – Viçosa (MG) – *pão comum*; 150 – Jales (SP) – *pão de 50 gramas*; 151 – Votuporanga (SP) – *pão da padaria*; 159 – Ibitinga (SP) – *pilãozinho*; 164 – Teodoro Sampaio (SP) – *pão de padaria*; 193 – Itaperuna (RJ) – *salário mínimo* e *bisnaguinha*; 194 – São João da Barra (RJ) – *bisnaga*; 195 – Campo dos Goytacazes (RJ) – *pão normal*; 202 – Rio de Janeiro (RJ) – *mini*; 203 – Niterói (RJ) – *italiano* e 206 – Paraty (RJ) – *pão normal*.

FIGURA 5 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Sudeste) – cinco variantes mais produtivas



Na Figura 6, *média*, sexta forma mais produtiva na Região Sudeste, configura-se uma variante regional, registrada em localidades litorâneas paulistas (184 – Santos, 186 – Registro, 187 – Cananéia), em um contínuo territorial. *Pão d’água*, sétima mais documentada, foi registrada em localidades paulistas, de maneira descontínua, assim como *pão pequeno*. *Bengalinha* foi obtida somente em 159 – Ibitinga, localidade paulista; *brizolinha* e *pão careca* foram documentados em dois pontos fluminenses diferentes.

FIGURA 6 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Sudeste) – seis variantes menos produtivas



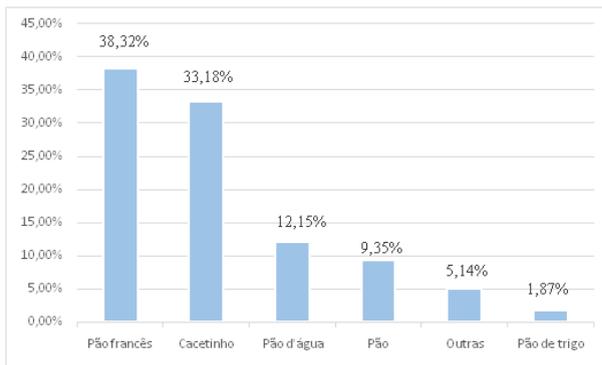
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

No panorama linguístico da Região Sudeste, sublinha-se a multiplicidade de formas, assim como no Nordeste. *Pão francês* desponta como a mais produtiva na maior parte dos estados que compõem a região. Ainda, a norma lexical paulista apresenta variantes cujo uso é restrito a algumas localidades, com destaque para *filão* e *média*. Na norma mineira, salienta-se *pão de sal* como forma mais produtiva, que se integra em um contínuo com maior abrangência no Espírito Santo, prolongando-se aos demais estados e também até o Centro-Oeste, o Nordeste e o Norte.

#### 4.1.5 Distribuição quantitativa e espacial das variantes na Região Sul

Na Região Sul, o índice quantitativo das formas linguísticas foi sistematizado no Gráfico 9.

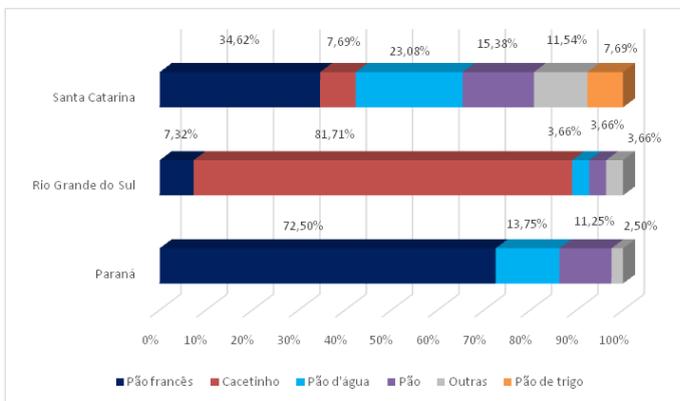
GRÁFICO 9 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – Região Sul



Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

No conjunto geral, foram obtidas cinco variantes, afora as integradas como *outras*, distribuídas em 214 ocorrências, cujos dados absolutos e relativos foram os seguintes: *pão francês*, com 82 documentações, computando 38,32% do total; *cacetinho*, 71 registros e 33,18%; *pão d'água*, 26 menções, sendo 12,15%; *pão*, 20, integrando 9,35% dos dados percentuais; *outras* variantes, perfazendo 11 ocorrências e 5,4%, e *pão de trigo*, com quatro registros, contabilizando 1,87%.

GRÁFICO 10 – Produtividade para a questão 186 do QSL (*pão francês*) – por estado (Região Sul)



Fonte: A autora – adaptado do banco de dados do Projeto ALiB.

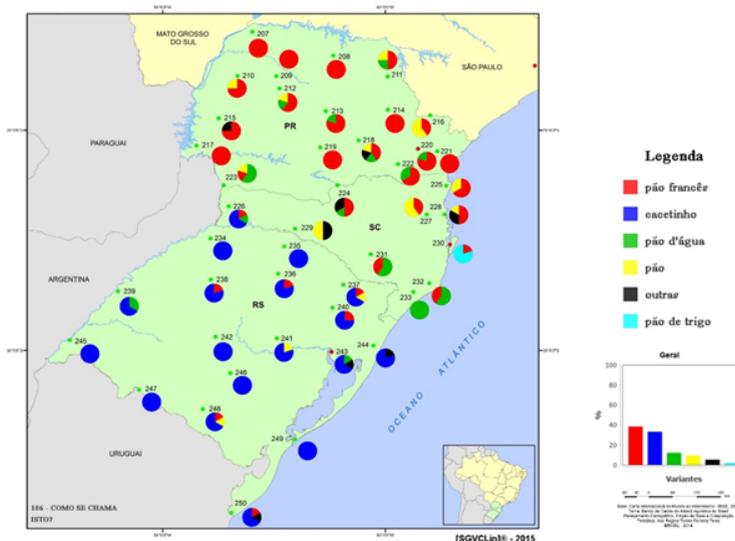
A produtividade das designações para o referente em pauta nos estados da Região Sul oferece indícios de divergências entre as normas lexicais nas unidades federativas mais ao sul em relação ao falar paranaense. No Paraná, *pão francês* é a predominante (72,50%), com produtividade significativa em Santa Catarina (34,62%) e menor incidência no Rio Grande do Sul (7,32%). O falar sul-rio-grandense diverge pela massiva produtividade de *cacetinho* (81,71%), com ocorrências em Santa Catarina (7,69%). *Pão d'água* registrou produtividade mais significativa em Santa Catarina (23,8%), seguido do Paraná (13,75%) e do Rio Grande do Sul (3,66%). *Pão* foi documentado em Santa Catarina (15,38%), Paraná (11,25%) e Rio Grande do Sul (3,66%), e como forma característica dos usos catarinenses, ainda foi obtida a variante *pão de trigo*, contabilizando 7,69%.

No cenário diatópico da Região Sul, a carta representada pela Figura 7 revela um comportamento linguístico particular em relação à disposição geográfica das variantes mais produtivas: *pão francês* dissemina-se do Paraná para o centro (Santa Catarina), enquanto *cacetinho*, forma regional, traça um caminho contrário, do Rio Grande do Sul para Santa Catarina. A terceira mais produtiva, *pão d'água*, foi obtida no sudeste, sudoeste e centro catarinense, no centro, sudoeste e nordeste paranaenses, e em localidades não adjacentes sul-rio-grandenses. De modo descontínuo, foram documentadas *outras*<sup>12</sup> variantes; apresentando arealização mais restrita, circunscrito a Florianópolis, os informantes registraram a variante *pão de trigo*.

---

<sup>12</sup> Conforme a localidade, foram obtidas as seguintes variantes categorizadas como *outras*: 215 – Toledo (PR) – *paulistinha*; 218 – Imbituva (PR) – *pão de padeiro*; 224 – Porto União (SC) – *pão de padeiro*; 228 – Itajaí (SC) – *pão de padeiro*; 229 – Concórdia (SC) – *bilha*; 243 – Porto Alegre (RS) – *pão comum*; 244 – Osório (RS) – *bilha* e 250 – Chuí (RS) – *portenho*.

FIGURA 7 – Distribuição diatópica das variantes para a questão 186 do QSL (Região Sul)



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Novamente, nota-se um quadro diversificado no que tange à comparação do panorama linguístico entre os estados: no falar paranaense, foi eleita *pão francês* como a predominante, ao passo que no falar sul-rio-grandense, *cacetinho* caracteriza a norma. Há um contínuo para a duas formas, estendendo-se para Santa Catarina, onde as duas normas se encontram.

Os dados numéricos e a cartografia linguística sugerem um comportamento linguístico distinto em cada estado que integra cada uma das regiões brasileiras: cotejando-se os resultados, no Nordeste e no Sudeste foi constatado um polimorfismo.

Lope Blanch (1974), ao tencionar delimitar as zonas dialetais mexicanas, deparou-se com a multiplicidade de formas linguísticas em uso; assim, concluiu que o polimorfismo indica uma instabilidade linguística, consequência da falta de nivelção no sistema, em que há uma quebra do equilíbrio resultando em nova ordem ou um estado de flutuação, fenômeno inerente às línguas em uso. Assim, a pluralidade de

designações indica as mudanças e transformações pelas quais a língua passa, atrelada aos usos, à evolução histórico-social; assim: “a rapidez ou a lentidão das transformações depende da estrutura da sociedade” (SILVA NETO, 1957, p. 30).

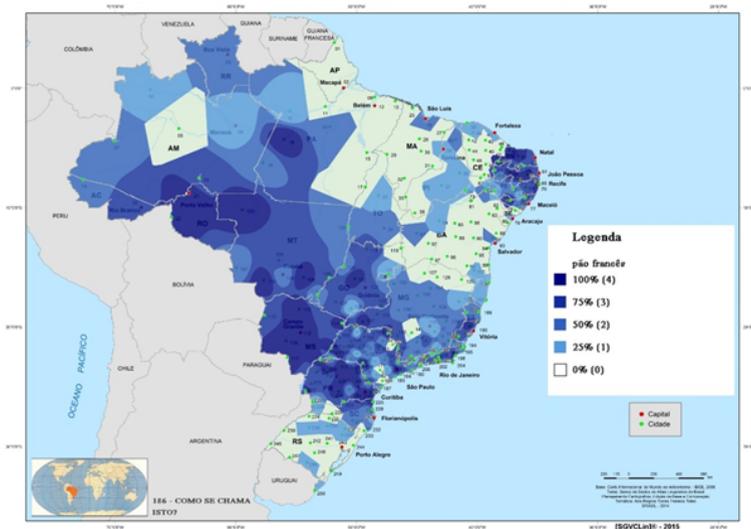
No que se refere ao comportamento linguístico observado em cada estado, há mais diferenças do que semelhanças quanto às designações para o referente. Nesse sentido, o cruzamento dos resultados quantitativos por região e estados e a cartografia dos dados contribuiu sobremaneira na interpretação da vitalidade e distribuição territorial, de modo a indicar a frequência e se há a formação de áreas contínuas ou descontínuas no que tange aos usos. Complementando o estudo, por intermédio das cartas de arealidade gradual, podem ser constatadas as distribuições espaciais das formas na totalidade do território brasileiro, revelando uma possível norma geral e os regionalismos em disseminação areal mais abrangente (em um contínuo abarcando dois ou mais estados de regiões diferentes).

Após a análise da distribuição das variantes por região, elaboraram-se cartas de arealidade gradual para fotografar a disseminação espacial em nível nacional para cada forma validada neste estudo.

#### **4.2 Distribuição espacial das variantes na amostra nacional**

A Figura 8 demonstra a arealização para *pão francês* em uma carta representando o panorama linguístico geral brasileiro, em que constam os 250 pontos de inquérito do ALiB. Trata-se da denominação mais produtiva e mais difundida no contexto linguístico brasileiro para o referente em pauta, caracterizando uma forma de uso geral.

FIGURA 8 – Arealidade gradual para *pão francês* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

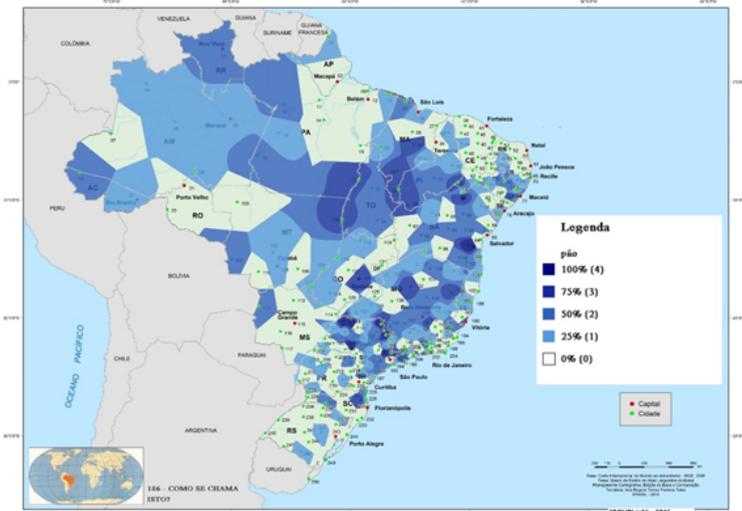
Não obstante, o polimorfismo constatado na somatória das análises de frequência e nas cartas diatópicas por regiões e a distribuição não regular em algumas localidades, assim como a baixa frequência em alguns estados/porções territoriais, dão indícios que há uma instabilidade do uso desta variante, conforme Lope Blanch (1974), sinalizando uma possível mudança linguística, que poderá ser constatada por meio de trabalhos futuros em comparação a este.

Dentre os dicionários consultados, o item lexical em pauta está documentado na entrada *pão* em Aulete [s/d] e em Ferreira (2010), como de uso geral (brasileirismo), além do vocabulário organizado por Almeida (1999). No último, foram registrados como sinônimos: *pão d'água*, *pão de trigo* (no Espírito Santo e Florianópolis), *pão de água e sal* (no Nordeste); *pão massa grossa* (em Roraima) e *pão de sal* (em Minas Gerais, Rio de Janeiro e alguns estados nordestinos), sendo também denominado “*bexiga, filãozinho, carioquinha, pão salgado*” (ALMEIDA, 1999, p. 92), sem especificar sua disseminação. No que

se refere à origem da denominação *pão francês*,<sup>13</sup> especula-se aludir a um “pão à moda francesa”, surgido durante a *belle époque*, período em que a elite brasileira buscava reproduzir os usos e costumes franceses.

A variante genérica *pão* (FIGURA 9), na extensão nacional, obteve disseminação espacial compreendendo todos os Estados, com menor vitalidade no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Amapá, Pará, Ceará e Rio Grande do Norte.

FIGURA 9 – Arealidade gradual para *pão* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

No tocante à etimologia, o item *pão*, segundo Cunha (2010) e Ferreira (2010), data do século XII e apresenta origem do latim *pānis*. Bluteau (1728) levanta duas hipóteses sobre a gênese da denominação: i) refere-se a Pan, divindade dos pastores, responsável por ensiná-los a moer o trigo e a fabricar o pão, ou ii) do grego Pan, no sentido de “tudo”; donde advém o sentido do pão como alimento universal. Silva (1813), Houaiss; Villar (2009) e Aulete [s/d] também documentam esse item lexical.

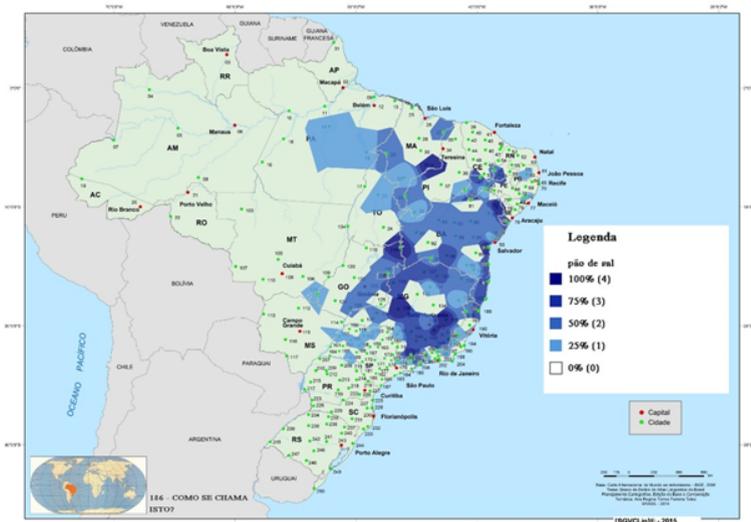
No *Atlas Linguístico do Território Incaracterístico*, Cuba (2015) desenvolveu uma descrição linguística da área abrangida pelo

<sup>13</sup> CBN Gastronomia. Disponível em: <https://portalcbncampinas.com.br/2018/01/pao-frances/>. Acesso em: 6 ago. 2020.

Território Incaracterístico conforme classificação de Nascentes (1953). Na questão 075 desse estudo, a autora arrolou as designações para *pão francês*, mapeando as formas obtidas *pão francês* e *pãozinho*, sendo a primeira variante a mais produtiva. Ao tecer comentários conclusivos, a pesquisadora recorreu à regionalização da linguagem, a relação entre o vocabulário e o universo social do falante, consoante Diégues Junior (1960), esclarecendo que nas cidades interioranas, as pessoas têm o costume de fabricar o pão em casa, por isso desconhecem outras denominações para o pão fabricado e comercializado na padaria. Com as devidas ressalvas, por se tratar de um estudo de cunho topodinâmico,<sup>14</sup> enquanto o ALiB segue o viés topoestático, os pontos similares aos estudados por Cuba (2015) documentam apenas essas duas variantes nessa extensão territorial.

A terceira forma de maior vitalidade, *pão de sal*, foi registrada na fração centro-leste do território brasileiro, conforme demonstra a carta representada na Figura 10.

FIGURA 10 – Arealidade gradual para *pão de sal* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

<sup>14</sup> Conforme Thun (1998, p. 706), grupos topodinâmicos são “demograficamente móveis” enquanto os topoestáticos apresentam “pouca mobilidade do espaço”.

Situa-se em uma área delimitada por isoléxica, como um regionalismo englobando porções do Pará, Tocantins, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Paraíba, Sergipe, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, com menor frequência e abrangência dispersa em Alagoas, Mato Grosso e outra porção do Mato Grosso do Sul. O item lexical foi documentado somente em Almeida (1999) como um tipo de *pão francês*, denominação em uso em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Sergipe e Alagoas, fato corroborado e expandido por meio dos dados do ALiB. Por apresentar distribuição contínua em estados situados em quatro regiões brasileiras, importa considerar a visão da amostra geral, como neste mapa da distribuição em território nacional.

O regionalismo *cacetinho*, quarta variante mais produtiva, cuja distribuição espacial pode ser visualizada por meio da carta da Figura 11, foi documentado em duas áreas lexicais: uma se estende do Rio Grande do Sul para o oeste de Santa Catarina e a outra abrange a capital Salvador e seus arredores.

FIGURA 11 – Arealidade gradual para *cacetinho* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Conforme Haesbaert (1997), em 1960 e 1980, houve dois fluxos de migrantes gaúchos do Sul para o interior do País, compostos por

camponeses expulsos de suas terras e empresários em busca de novos investimentos. Essas levas se direcionaram para o Triângulo mineiro, Goiás, Tocantins e oeste baiano (alto da Chapada Diamantina), e extremo sul piauiense. A partir desse fato, conjectura-se a respeito de uma provável migração posterior de sulistas para a capital soteropolitana e adjacências. O item lexical, documentado em Houaiss e Villar (2009), foi classificado como sinônimo para *pão francês*, com a marca de uso: regionalismo baiano e sul-rio-grandense. Almeida (1999), por seu turno, convalida essa categorização, estendendo-a também a Fortaleza, localidade essa não condizente com os registros ora obtidos. De modo similar, os dados documentados neste estudo, evidenciados por meio da cartografia linguística, ratificam a marca de uso, delimitando sua arealização nomeadamente sul-rio-grandense, com alta frequência e distribuição regular nesse estado, com alguma vitalidade em área contínua no oeste catarinense e em outra distribuição espacial contínua na capital baiana e nas suas imediações.

A distribuição espacial para *pão carioca*, quinta mais produtiva, foi retratada na Figura 12.

FIGURA 12 – Arealidade gradual para *pão carioca* – questão 186 do QSL

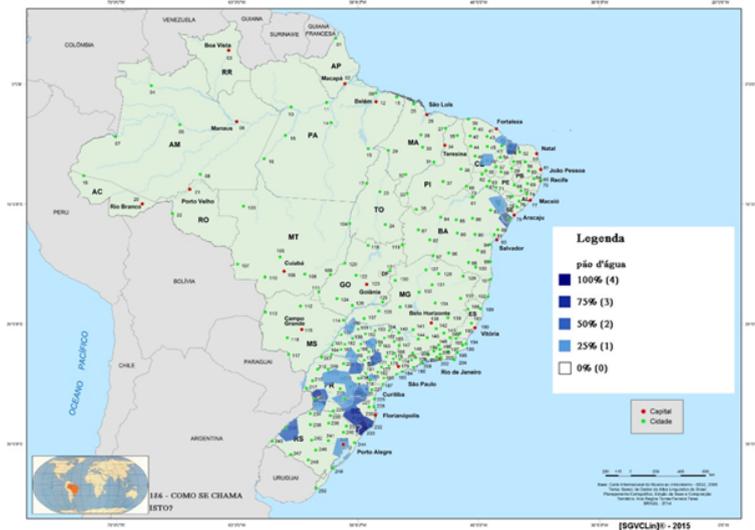


Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A variante foi documentada no Ceará e nos arredores piauienses, apresentando arealização passível de delimitação por isoléxica, com alta frequência e distribuição regular. Desse modo, pode ser categorizada como um regionalismo cearense, com alguma vitalidade no Piauí. O item lexical não foi documentado nas obras lexicográficas examinadas.

Na Figura 13, está documentada a arealização para a forma *pão d'água*.

FIGURA 13 – Arealidade gradual para *pão d'água* – questão 186 do QSL

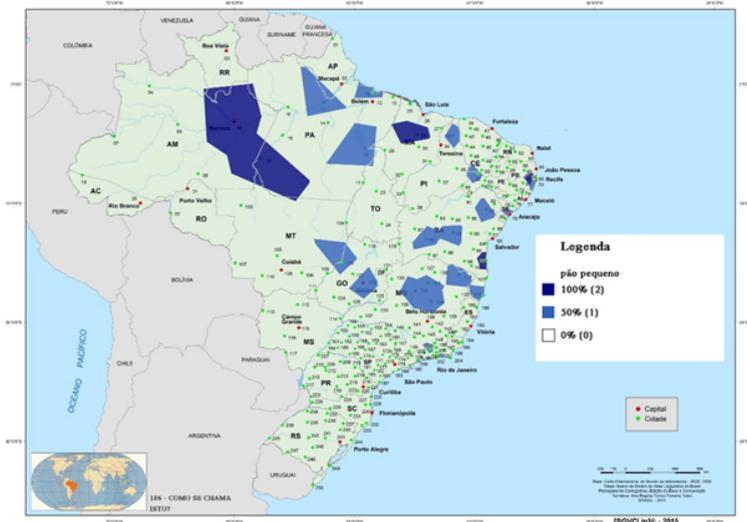


Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A distribuição diatópica para *pão d'água* não pode ser delimitada por isoléxica, e abrange espaçadamente o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e o interior de São Paulo, além de espaços na Bahia, Sergipe, Ceará e Rio Grande do Norte. Esse item não foi registrado nos dicionários examinados.

Na Figura 14, está representada a distribuição espacial para a variante *pão pequeno*.

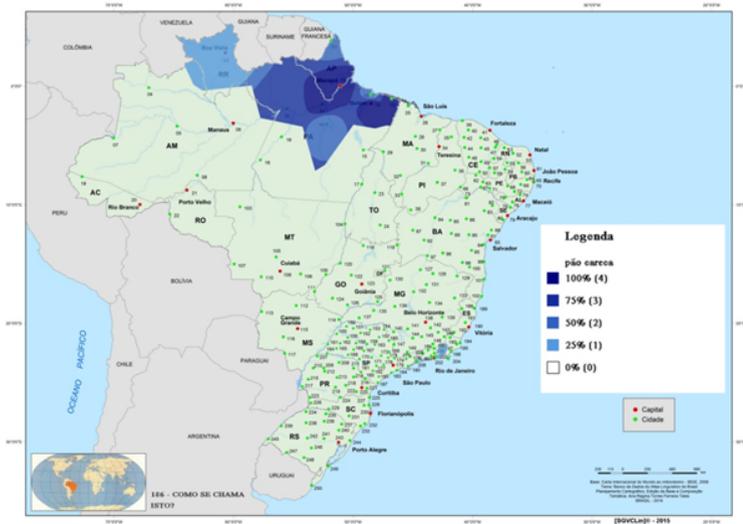
FIGURA 14 – Arealidade gradual para *pão pequeno* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A realização dessa forma deu-se de modo mais descontínuo no território nacional, não se integrando em área contínua, abrangendo trechos amazenses, maranhenses, piauienses, pernambucanos, cearenses, sergipanos, baianos, mineiros, fluminenses, goianos e mato-grossenses. A variante não está documentada nos dicionários consultados.

A distribuição diatópica para a variante *pão careca*, retratada na Figura 15, revela tratar-se de uma forma regional, apresentando alta frequência e distribuição regular, com hegemonia no Amapá e alguma vitalidade no Amazonas e Pará, em um contínuo territorial.

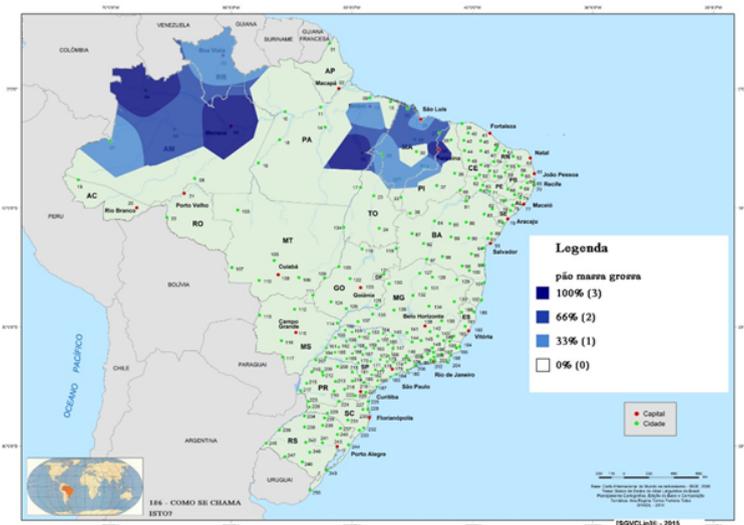
FIGURA 15 – Arealidade gradual para *pão careca* – questão 186 do QSL

Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Nos dicionários, foi registrada por Ferreira (2010) como um tipo de *pão francês* com casca fina, sendo classificada como brasileiroismo.

Na Figura 16, pode-se observar a arealidade gradual para *pão massa grossa*.

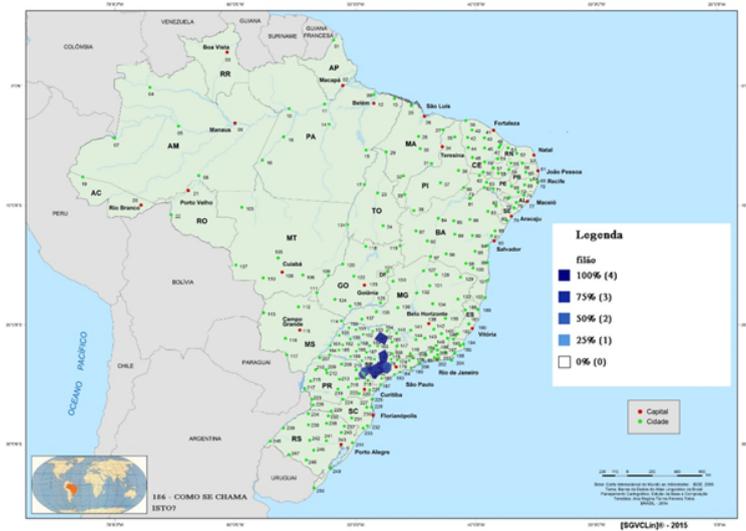
FIGURA 16 – Arealidade gradual para *pão massa grossa* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A distribuição espacial para *pão massa grossa*, com expansão regular, mas frequência relativamente média, indica uma forma linguística regional em duas disseminações territoriais delimitadas por isoléxicas: uma mais significativa em termos numéricos, registrada no noroeste do Estado do Amazonas e em Roraima, e outra em trechos do Maranhão e com alguma incidência no Piauí em área contínua rumo ao centro e leste paraense. Almeida (1999) documenta o item lexical como uma denominação para o *pão francês* em Boa Vista (RR) e em outras localidades nordestinas, informação ratificada, em partes, por meio dos dados geolinguísticos.

A variante *filão*, cuja arealização é representada na Figura 17, integra-se em área delimitada por isoléxica, situada no interior paulista, abrangendo Piracicaba e adjacências, com alguma vitalidade no ponto 157 – Ribeirão Preto.

FIGURA 17 – Arealidade gradual para *filão* – questão 186 do QSL

Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

O item lexical apresenta entrada em Houaiss e Villar (2009), em Ferreira (2010) e no Aulete [s/d], como um tipo de “pão comprido”, categorizado como regionalismo paulista. Almeida (1999), por seu turno, na entrada *filãozinho*, classifica-o com a marca de uso: denominação para *pão francês* no interior paulista. Conforme Cunha (2010), a expressão tem origem no francês e é derivada do italiano *filone*.

Ao perscrutar outras pesquisas de cunho geolinguístico, ratificou-se a disseminação obtida para a variante em foco. Objetivando descrever a região linguística do médio Tietê (Piracicaba e proximidades), na tese intitulada *Atlas Linguístico Pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê*, Figueiredo Junior (2019), com base nos *Questionários* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), mapeou, dentre outras, as variantes para *pão francês*, documentando 13 formas, cuja produtividade foi contabilizada do seguinte modo: 36 registros para *pão/pãozinho*, 36 para *pão francês*, 23 menções para *filão/filãozinho*, quatro para *pão de sal*, duas para *pilãozinho*, e *média*, *baguete*, *pão d'água*, *pão duro*, *pão sovado* e *mescla* com uma ocorrência cada. *Filão* foi

documentado em seis das dez localidades pesquisadas, com destaque nos pontos P5 Sorocaba e P7 Porto Feliz. Conforme os relatos dos informantes, *filãozinho* seria uma forma predominante em período mais remoto, e estaria perdendo espaço para a forma *pão francês*.

A distribuição geográfica dessa forma linguística pode ser relacionada à história de formação social. Conforme Diégues Junior (1960), a criação de estradas de ferro, em especial a Sorocabana, incentivou o surgimento e progresso de muitas cidades na região paulista, atraindo também os imigrantes, como os italianos. Consoante Toth (2018), após a decadência do setor cafeeiro no Vale do Paraíba, uma nova área de cultivo surgiu em Ribeirão Preto, favorecida pelas condições do solo, emergindo como o “Eldorado do café”. Com isso, foi direcionada grande leva de imigrantes à cidade, resultando, em 1912, na marca de 25,01% de italianos dentre o total de habitantes. De acordo com Bitencourt (2017), Piracicaba e região foram pioneiras na imigração italiana, que passou a atuar como mão de obra na cafeicultura. Traçado esse passeio sócio-histórico, a vitalidade da variante regional *filão* indica uma possível influência italiana em Ribeirão Preto e na região de Piracicaba.

A variante *média* foi obtida no litoral paulista, notadamente em Santos, conforme representado na Figura 18. Ainda, foi registrada em localidades situadas no litoral sul paulista, em trecho descontínuo.

FIGURA 18 – Arealidade gradual para média – questão 186 do QSL



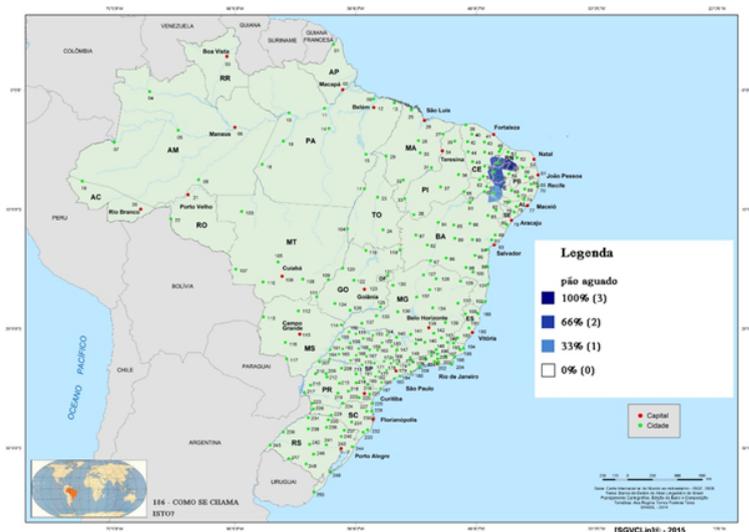
Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

Consultando-se os atlas linguísticos paulistas de pequeno domínio, foi corroborada a vitalidade da variante no litoral paulista, complementando os resultados deste estudo. Encarnação (2010), ao mapear a fala em quatro pontos do litoral norte de São Paulo (1 – Caraguatatuba, 2 – Ilhabela, 3 – São Sebastião e 4 – Ubatuba), verificou que a variante *média* foi registrada em todas as localidades, com frequência relativa de 75%. Assim, a autora constatou que a variante constitui a norma da região. Ainda foram documentados *pãozinho* e *pão francês*, totalizando, cada um, duas menções (com frequência relativa de 12,5%). Em comentário de um informante, registrado por Santos-Ikeuchi (2014) na elaboração da dissertação intitulada *Atlas Linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo*, foi salientada a predominância para *média* em São Vicente, litoral paulista. De posse desses resultados, a presença desse regionalismo no litoral paulista foi notabilizado.

O item lexical foi documentado por Almeida (1999), indicando a marca de uso santista, ratificada e ampliada por meio deste estudo e das demais pesquisas geolinguísticas citadas.

Na Figura 19, está representada a arealidade para *pão aguado*, indicando uma forma linguística regional que apresenta disseminação regular, embora com menor frequência, obtida no interior pernambucano, paraibano, cearense, potiguar, em área circunscrita por isoléxica.

FIGURA 19 – Arealidade gradual para *pão aguado* – questão 186 do QSL



Fonte: Elaborada pela autora a partir do banco de dados do Projeto ALiB (2015) – carta linguística experimental.

A variante não foi documentada nas obras lexicográficas consultadas.

A seguir, descreveu-se a distribuição espacial de itens que foram pouco produtivos e/ou não apresentaram disseminação contígua no universo da amostra nacional. Inserem-se nessa categoria: *pão de trigo*, *bengalinha*, *brizolinha* e *pão Jacó*.

*Pão de trigo* foi registrado em Florianópolis e no interior baiano (86 – Jacobina). Conjectura-se que a disseminação da variante da capital catarinense para o território baiano possa ser resultado de movimentos migratórios internos. A classificação do item como característico da fala florianopolitana é corroborada por Almeida (1999).

A distribuição areal da variante *bengalinha* foi obtida no ponto 159 – Ibitinga, no interior paulista, na fala dos quatro informantes

entrevistados. O item lexical não foi documentado nos dicionários e vocabulários pesquisados.

A arelização para *brizolinha* engloba apenas duas localidades fluminenses não contíguas: 194 – São João da Barra e 195 – Campo dos Goytacazes. As obras lexicográficas consultadas também não documentam esse item lexical.

*Pão Jacó*, produtiva na fala de informantes aracajuenses, circunscreveu-se apenas a essa localidade. Almeida (1999) classificou o item como uma denominação para *pão francês* no interior sergipano, no entanto, os dados do ALiB indicaram o registro restringindo-se somente à capital sergipana. Novos estudos descritivos de pequeno domínio, mais pormenorizados, podem vir a atestar uma possível vitalidade em outras localidades, além da capital.

Considerando-se os resultados, conclui-se a respeito da relevância do papel da Geolinguística no exame e delimitação dos falares; Rona (1969) enfatizava a importância dessa área de estudos, ao demarcar as diferenças linguísticas peculiares de determinadas extensões territoriais, na observação dos regionalismos dialetológicos. Dado o relevo desse ramo de estudos, tanto o referido autor como Cunha (1987) já salientavam a contribuição da Geolinguística para a composição de glossários regionais, que carecem de uma delimitação exata da distribuição espacial das expressões.

A conjugação de diferentes critérios de análise do fenômeno (exames quantitativos, cartografia linguística – com foco na perspectiva geral, estadual e regional), contribuiu sobremaneira na interpretação dos dados. Na comparação das cartas diatópicas pontuais por região às cartas de arealidade gradual, percebeu-se um sentido de continuidade territorial para algumas normas regionais, não obstante, de modo geral, os estados tenham apresentado mais diferenças entre eles no que tange aos designativos para o referente. Nesse cenário, destaca-se a polimorfia averiguada nas normas nordestina e do Sudeste.

A norma, em nível lexical, revela aspectos físicos e ambientais do meio em que os falantes vivem, suas tradições, suas experiências e seu conhecimento de mundo; assim, por intermédio do exame da frequência conjugado à análise da distribuição das formas em determinados espaços territoriais de modo contínuo, foi observada a documentação para *pão francês* como norma geral. Entretanto, sua frequência e distribuição irregular em comparação aos dados por região e na amostra geral oferece indícios de uma possível mudança linguística.

Caracterizando-se como regionalismos, foram obtidas as formas: *pão de sal* e *pão massa grossa*, com frequência relativamente média, e distribuição regular ampla, abrangendo estados de mais de uma região; *cacetinho*, *pão carioca* e *pão careca*, com alta frequência e distribuição regular, sendo o primeiro, situado no falar sul-rio-grandense e em trecho catarinense e em uma área descontínua, o segundo, no cearense, com alguma vitalidade no piauiense, e o último, hegemônico no falar amapaense, com incidência no amazonense e paraense. As formas regionais *filão*, *média* e *pão aguado* apresentaram cada um, uma distribuição regular em uma faixa territorial contínua, com baixa frequência; não obstante, pesquisando-se outros estudos geolinguísticos, foi reafirmada a alta frequência no que se refere às duas primeiras variantes, sendo a primeira tida como norma regional paulista de influência italiana e a segunda, norma paulista do litoral.

Por intermédio de estudos de pequeno domínio, poderão ser somados outros resultados mais expressivos no que diz respeito à arealidade das demais variantes (*pão de trigo*, *bengalinha*, *brizolinha* e *pão Jacó*). Assim, salientou-se a importância da complementação dos resultados conjugados a outros estudos de cunho geolinguístico.

## 5 Considerações finais

Diante do exposto, pode-se tecer conclusões a respeito da fluidez das fronteiras linguísticas delineadas virtualmente por intermédio das isoléxicas. Neste estudo, muitas das formas linguísticas registradas disseminaram-se por uma ou mais áreas passíveis de serem delimitadas por essas isoglossas de nível lexical.

No que se refere à vitalidade das variantes obtidas, a pluralidade de denominações documentadas e a grande produtividade de registros transpareceram a presença do referido alimento no cotidiano nacional. Perpassando o universo simbólico e religioso, o pão tem papel relevante à mesa desde a aurora da civilização.

Por efeito da tradição e inovação, formas linguísticas em uso por determinada comunidade linguística podem ser perpetuadas ou renovadas; como resultado da cartografia linguística, foram recuperadas tais tonalidades no que diz respeito à cultura regional, trazendo à luz variadas denominações. Assim, foi obtida uma variante como norma geral, *pão francês*, mais produtiva e disseminada territorialmente, e os

regionalismos: *pão de sal, cacetinho, pão carioca, pão careca, pão massa grossa, filão, média, pão aguado*. Em relação à disseminação para *pão de trigo, bengalinha, brizolinha e pão Jacó*, mais locais, são necessários estudos de pequeno domínio posteriores, abrangendo uma rede de pontos mais densa, a fim de confirmar a vitalidade dessas formas em outras localidades adjacentes às áreas em que foram documentadas neste estudo.

No que tange ao repertório vocabular regional, foi possível observar aspectos culturais, identitários, migratórios e de contato interétnico que emergem dos usos linguísticos. Nesse sentido, a investigação etimológica das variantes e a pesquisa a respeito da formação social contribuíram no resgate histórico das formas, bem como, a título de exemplo, na observação de traços de influência estrangeira, como a italiana no interior paulista, com o registro do regionalismo *filão*, uma das variantes documentadas para o referente em pauta.

Quanto à não inserção das variantes em obras lexicográficas, como previsto, a maioria das formas linguísticas registradas neste estudo não estão documentadas nos dicionários pesquisados; não obstante, alguns desses itens lexicais foram arrolados por Almeida (1999), por se tratar de uma obra mais específica.

Em suma, o exame da propagação das formas linguísticas recolhidas na extensão do território nacional pelas equipes do Projeto ALiB, aliado à cartografia linguística, vem contribuindo com o re(conhecimento) da multiplicidade das formas de expressão, da vitalidade regional, além de poder cooperar substancialmente na atualização, com base empírica, dessas vozes identitárias nas marcas de uso em obras lexicográficas. A empreitada da elaboração de um atlas linguístico nacional, levada a cabo pelo ALiB, vem delineando um panorama geral da pluralidade linguística brasileira, orientando novos estudos e perenizando a riqueza cultural dos diversos recônditos do País.

### **Agradecimentos**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação Araucária; aos informantes que dispuseram as suas entrevistas à pesquisa; à equipe do Projeto ALiB que gentilmente disponibilizou os dados; ao Vinícius Morais Simões, pelas sugestões no que se refere ao tratamento quantitativo dos dados e aos pareceristas deste artigo, cujas sugestões enriquecedoras somaram sobremaneira no aperfeiçoamento do texto.

## Referências

- ALMEIDA, A. C. de. *Pães no Brasil: fotos e verbetes*. São Paulo: Editora Maná, 1999.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: Hucitec / Brasília: INL, 1982.
- AULETE, C. *Aulete digital: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. [s/d]. Versão *online*. Disponível em: [http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital). Acesso em: 18 fev. 2018.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade*. Processos do neologismo. 2. ed. São Paulo: Global, 1989.
- BIDERMAN, M. T. de C. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, M. T. de C. Fundamentos da Lexicologia. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 99-155.
- BITENCOURT, R. Piracicaba foi pioneira na imigração europeia em São Paulo e no Brasil. *G1*, Piracicaba, 18 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/piracicaba-250-anos/noticia/piracicaba-foi-pioneira-na-imigracao-europeia-em-sao-paulo-e-no-brasil-afirma-pesquisador.ghtml>. Acesso em: 6 jan. 2019.
- BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728.
- CAMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964.
- CARDOSO, S. A. M. *et al. Atlas linguístico do Brasil*. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1.
- CARDOSO, S. A. M. *et al. Atlas linguístico do Brasil*. Cartas Linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014b. v. 2.
- CASCUDO, L. da C. *História da alimentação no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 2011.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. *Questionários*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: \_\_\_\_\_. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979. p. 13-85.

CUBA, M. A. *Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico*. 2015. 279 f. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, C. *Que é um brasileirismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

D'ALBUQUERQUE, A. T. *Falsos brasileirismos (argentinismos e americanismos erradamente apontados como brasileirismos)*. Rio de Janeiro: Edição Getúlio Costa, 1945?.

DIAMOND, J. M. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades*. 15. ed. Trad.: Nota Acessoria, Silva de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 2013.

DIÉGUES JUNIOR, M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), 1960.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral Norte de São Paulo*. 2010. 741f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FIGUEIREDO JUNIOR, S. R. *Atlas Linguístico Pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê*. 2018. 2.120f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-12072019-155328>

GUEDES, C. M. *O ciclo de Elêusis: imagem e transformação social em Atenas no século IV a. C.* 2009. 178f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009.

HAESBAERT, R. *Des-territorialização e identidade. A rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: EDUFF, 1997.

HJELMSLEV, L. Langue e parole. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Paris, n. 2, p. 29-44, 1942.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIM, J. R.; VASCONCELOS, C. A. (org.). *História, religião e identidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 165-181.

ISQUERDO, A. N. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 9-24, 2006. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1408>. Acesso em: 29 set. 2017.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, São Paulo: UFMS, Humanitas, 2007. v. II. p. 193-208.

JACOB, H. E. *Seis mil anos de pão. A civilização humana através de seu principal alimento*. Trad. José M. Justo. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

LOPE-BLANCH, J. M. En torno al polimorfismo. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE HISPANISTAS, 5., 1974, Bordeaux. *Actas [...]*. Bordeaux: AIH, 1974. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/en-torno-al-polimorfismo/>. Acesso: 29 set. 2020.

LURKER, M. *Dicionário de simbologia*. Trad. Mario Krauss, Vera Barkow. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MULLER, C. *Principes et methodes de statistique lexicale*. Paris: Hachette, 1977.

MUSSOLINI, G. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. In: SCHADEN, E. (org.). *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. Seleções da *Revista de Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 293-316.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCENTES, A. *Bases para elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. 1999. 475f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.

PAIVABOLÉO, M. de. *Brasileirismos (problemas de método)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1943.

REY, A. Usages, jugements et prescription linguistiques. *Langue Française: La Norme*, [S.l.], n. 16, p. 4-28, 1972. DOI: <https://doi.org/10.3406/lfr.1972.5701>. Disponível em: [http://www.persee.fr/issue/lfr\\_0023-8368\\_1972\\_num\\_16\\_1](http://www.persee.fr/issue/lfr_0023-8368_1972_num_16_1). Acesso em: 19 set. 2020.

RIBEIRO, J. *A língua nacional e outros estudos linguísticos*. Petrópolis: Vozes, 1979.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. 401f. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.22.1.119-151>

RONA, J. P. ¿Qué es un americanismo? In: *El Simposio de México: Actas, informes y comunicaciones*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1969. p. 135-148.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANTOS-IKEUCHI, A. C. *Atlas Linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo*. 2014. 364f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SCHULTZ, B. S. Semântica de pão nos dicionários históricos do português. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, PR, v. 12, n. 24, p. 74-98, 2016.

SILVA NETO, S da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1986.

SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza* – recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XXe. siècle. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22., 1998, Bruxelles. *Actes [...]*. Tübingen: Niemeyer, 2000. v. 3: Vivacité et diversité de la variation linguistique, p. 367-388.

THUN, H. La geolingüística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (org.). *Atti del Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Tübingen: Niemeyer, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110934038.701>. p. 701-729.

TOTH, N. A. S. A. Memórias do café e da imigração italiana – História. *Revista da FLUP*. Porto, v. 8. n. 1. p. 136-157, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21747/0871164X/hist8a8>. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/4511/4226>. Acesso em: 6 jan. 2019.

YIDA, V. *Normas lexicais no português brasileiro: uma descrição de regionalismos nos dados do campo semântico da Alimentação e Cozinha do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2019. 399f. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

YIDA, V. *O campo semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais*. 2011. 191f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.